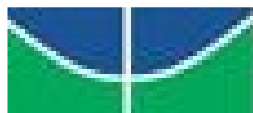


**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**Crianças e computadores: um estudo exploratório sobre a
informática na educação infantil no Distrito Federal**

Chris Alves da Silva

Brasília, 2010



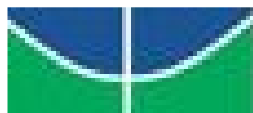
**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**Crianças e computadores: um estudo exploratório sobre a
informática na educação infantil no Distrito Federal**

Chris Alves da Silva

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Católica de Brasília/UnB como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Brasília, 2010



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**Crianças e computadores: um estudo exploratório sobre a
informática na educação infantil no Distrito Federal**

Chris Alves da Silva

Banca Examinadora:
Prof.Doutor Gilberto Lacerda dos Santos (Orientador, UnB)
Prof. Doutor Hermínio Borges Neto (UFC)
Prof. Doutora Raquel de Almeida Moraes (UnB)



Dissertação de autoria de Chris Alves da Silva, intitulada “CRIANÇAS E COMPUTADORES: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE A INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NO DISTRITO FEDERAL”, apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação da Universidade de Brasília, em 31/03/2010, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinada:

Prof. Doutor Gilberto Lacerda dos Santos
Orientador
Faculdade de Educação - UnB

Prof. Doutor Herminio Borges Neto
Faculdade de Educação– UFC

Prof^a. Doutora Raquel de Almeida Moraes
Faculdade de Educação – UnB

Dedico esta dissertação a Deus e aos educadores da minha vida: Valmir, Suely, Lucas e Saulo. Obrigada pelo apoio, amor, confiança e incentivo em todas as horas!

AGRADECIMENTOS

Senhor, obrigada por estar comigo em todos os momentos!

À minha família: Valmir, Suely, Lucas, Antônio, Saulo e Noêmia. Apoio incondicional em todas as horas, amo vocês!

À Júnia e Sérgio, pelo pontapé inicial na realização deste sonho, obrigada pelo carinho!

À Nina Cláudia, Ricardo Spindola, Rodrigo Pires pela amizade, carinho e por fazerem parte da minha trajetória.

Aos meus padrinhos Lupe e Carlinhos, por todo apoio e incentivo.

Aos amigos da Universidade Católica de Brasília – UCB Virtual, pelos momentos de conversa, amizade e torcida.

Aos amigos Adelino, Néri, Renata, Emmily e Anelice pelos belos momentos de amizade construídos ao longo de nossa caminhada acadêmica. Saibam que vocês são amigos de verdade!

Às professoras que participaram desta pesquisa, relatando seus sonhos, anseios e desejos.

À professora Ana Paula Costa e Silva. Seu exemplo e incentivo são especiais para mim. Obrigada por caminhar junto comigo e por acreditar. Você faz parte deste trabalho.

Aos professores Doutor Carlos Lopes e Doutora Laura Coutinho, pelas belas contribuições na ocasião da banca de qualificação.

À banca examinadora, professores Doutor Hermínio Borges e Doutora Raquel Moraes por participarem com suas belas contribuições neste momento significativo de mestranda.

Ao professor Dr. Gilberto Lacerda por abraçar e acreditar neste trabalho e por me lançar nas descobertas que fizemos juntos. Você estará para sempre em meu coração! Obrigada pela dedicada orientação, pela amizade, inspiração e incentivo!

“Nosso discurso de libertação não é medicina para doença passageira.

Se emudecermos ao se calarem as mentiras atuais novas mentiras surgirão, em nome de nossa libertação.

Nosso discurso diferente, -nossa palavração- como discurso verdadeiro, se fará e re-fará; jamais ou terá sido, porque sempre estará sendo.

Nosso discurso diferente, -nossa palavração- tem de ser um discurso permanente.”

Paulo Freire

RESUMO

Em um momento em que a sociedade procura se integrar às novas tecnologias de informação, comunicação e expressão, este estudo teve como objetivo principal compreender a relação entre crianças e computadores considerando o uso da informática na prática docente dos professores de educação infantil do Distrito Federal, por meio da análise de situações em que o computador é empregado, da identificação de sua inserção nas rotinas de trabalho e da abordagem das posturas dos professores. Para tanto, em um primeiro momento, foram realizados estudos teóricos sobre a educação infantil, a informática educativa e o uso dos computadores pelos professores. Posteriormente, foram realizadas entrevistas, com professores, nas quais se pôde identificar posturas profissionais que caminham na linha tênue entre querer aprender a utilizar o computador na educação infantil e crenças de incapacidade quanto a utilizar tal recurso em sua prática pedagógica. Os professores revelaram insatisfações em relação ao uso do computador que demonstram o desejo de superar suas limitações pedagógicas, impactando, assim, suas práticas pedagógicas e formando redes de aprendizagem.

Palavras-chave: educação infantil; prática docente; uso de novas tecnologias de informação.

ABSTRACT

In a time that society seeks to integrate new informational, communication and expression technologies, this study aimed to understand the relationship between children and computers considering the use of computers in pedagogical practices of early childhood education at Distrito Federal, Brazil. Specifically, this study aimed to analyze the situations of computer use, identifying its insertion in work routines and the teachers' attitudes regarding their use. Therefore, at first, were conducted theoretical studies about early childhood education, computer education and use of computers by teachers. Subsequently, were conducted interviews with teachers, from which it was possible to identify professional attitudes that highlight a thin line between the motivation to learn to use the computer and the beliefs regarding the inability to use this feature in their teaching practices. The interviewed teachers reported dissatisfaction related to computer use that demonstrates the desire to overcome their pedagogical limitations, so that actually impacting their teaching practice and forming networks of learning.

Keywords: early childhood education; teaching practices; use of new informational technologies.

Sumário

LISTA DE ILUSTRAÇÕES	iv
<i>Introdução</i>	2
<i>Capítulo 1- O valor educativo do computador para a Educação Infantil</i>	6
1.1 Informática educativa: reflexões sobre o uso de computadores na Educação Infantil.....	9
1.2 Professores de Educação Infantil e computadores: uma relação em construção	16
<i>Capítulo 2- Metodologia de investigação</i>	22
2.1 Delimitação do problema de pesquisa.....	24
2.2 Os sujeitos da pesquisa.....	26
<i>Capítulo 3- Crianças e computadores: desvelando um cenário no âmbito da Educação Infantil no Distrito Federal</i>	30
3.1 Dinamicidade do trabalho pedagógico: as rotinas na Educação Infantil.....	31
3.2 Situações do uso do computador na Educação Infantil.....	35
3.3 Posturas docentes sobre o uso do computador na Educação Infantil	42
<i>Capítulo 4- Considerações Finais</i>	55
<i>Referências Bibliográficas</i>	64
<i>Anexos</i>	69

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICO 1- Gênero

GRÁFICO 2- Escolaridade

GRÁFICO 3- Pós-Graduação

GRÁFICO 4- Graduação

GRÁFICO 5- Faixa etária

Introdução

Para chegar ao tema “Crianças e computadores: um estudo exploratório sobre a informática na Educação Infantil no Distrito Federal”, parti dos conhecimentos construídos como professora da Educação Infantil, das experiências do uso de computadores nesta modalidade de ensino e de estudos teóricos sobre informática educativa. Minha primeira aproximação com o tema proposto neste trabalho aconteceu no início de 2000 quando fui desafiada a utilizar o laboratório de informática com crianças de 4 anos. A experiência positiva do uso do computador na Educação Infantil aqueceu o debate sobre o tema entre a equipe de professores e me fez pensar sobre as estratégias de ensino, os processos de aprendizagens e a relação deles com a informática educativa.

É importante destacar que, em vários setores da sociedade, o computador e outros dispositivos eletrônicos têm feito parte do cotidiano de adultos e crianças. Desde que os computadores deixaram de ser “máquinas de calcular ou acessórios de escritório” (BRIGGS e BURKE, 2006), por volta da década de 1970, o cotidiano das pessoas tem recebido provocações e, conseqüentemente, trazido uma nova forma na relação homem-mundo.

Na sociedade em que vivemos, as Novas Tecnologias de Informação Comunicação e Expressão (NTICEs) já estão integradas ao cotidiano das crianças de forma tão intensa que os adultos e a própria escola estão buscando meios de acompanhar a geração da “informação, comunicação e expressão”. As NTCIEs estão em vários âmbitos da sociedade, desde os aparelhos eletro-eletrônicos, tão essenciais em nosso século, até as redes sociais que tem envolvido milhões de brasileiros. Por isso, ao se referir às novas tecnologias de informação, comunicação e expressão, não é possível deixar de falar do exercício da cidadania por meio da tecnologia e de seu uso para as aprendizagens na coletividade.

É importante destacar que essas crianças, cujos sonhos e esperanças se interligam com as NTCIEs, ainda estão desbravando caminhos. Segundo Briggs e Burke (2006, p. 261-262), “os processos de aprender e ensinar seriam afetados

mais profundamente pela nova disponibilidade de informação do que qualquer outra área da vida humana”.

Os pequenos já falam em utilizar o computador para brincar e conversar com os amigos. Nas classes de Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, cujo objetivo é promover o desenvolvimento integral da criança, o uso do computador ainda é uma assustadora novidade. E os adultos, os inicialmente assustados, serão os responsáveis por aliar a informática ao contexto escolar.

De acordo com a pesquisa TIC Domicílios 2007,

A proporção de domicílios com computador cresceu em todas as regiões de 2006 para 2007. Este aumento é maior nas regiões Centro-Oeste (de 19% em 2006 para 26% em 2007), Sul (de 25% para 31%) e Sudeste (24% para 30%). A proporção de domicílios com computador é menor nas regiões Norte (13%) e Nordeste (11%) e o crescimento do indicador nestas regiões também foi menor, ficando em 3 e 2 pontos percentuais, respectivamente. (SANTOS, 2008, p. 35).

O contexto descrito gera um debate delimitado pelas seguintes questões: Como os professores estão se expressando diante das possibilidades tecnológicas que estão a sua frente? E nossas crianças, como estão compreendendo, assimilando e se posicionando diante das diversas possibilidades que a Internet e o uso do computador ofertam aos seus usuários?

Gradativamente, as escolas estão sendo informatizadas. O Programa Banda Larga nas Escolas, lançado no dia 8 de abril de 2008, pelo Presidente da República, ambiciona o acesso à Internet banda larga para todos os estudantes do Ensino Fundamental e Médio, em área urbana, nas cinco regiões brasileiras até 2010, representando 83% dos estudantes matriculados nas escolas públicas do país. O projeto também prevê a instalação de laboratórios de informática com acesso à Internet banda larga em pelo menos 40% das escolas públicas de educação básica ainda em 2008, 40% em 2009 e até 2010 os 20% restantes.

Apesar de a estimativa apresentada pelo programa Banda Larga nas Escolas ser animadora, um estudo sobre o perfil dos professores brasileiros, realizado em 2008 pela Unesco, sugere dificuldades relacionadas ao acesso e uso do computador e da Internet. A pesquisa revela que mais da metade dos

professores (59%) ainda não dominam tais ferramentas, apesar de serem desafiados todos os dias a utilizarem recursos da informática em seu cotidiano.

Em contrapartida, o *Referencial curricular para a educação infantil* (volume 3, 1998), cujo tema é “conhecimento de mundo”, sugere o uso do computador como recurso material nas práticas da Educação Infantil como meio de garantir acesso a materiais diversos que contribuam para a formação da criança e para a elaboração do conhecimento de mundo.

A partir das realidades acima descritas, elaboramos o objetivo geral desta pesquisa: identificar como o professor de Educação Infantil do Distrito Federal faz uso da informática em sua prática docente.

A partir dos três objetivos específicos, extraímos as questões que nortearão a investigação: a) A flexibilidade das rotinas em situações de Educação Infantil cria aberturas para a inserção do computador na educação? b) É possível criar uma tipologia de uso dos computadores na Educação Infantil? c) Como os professores veem a questão do uso do computador na Educação Infantil?

No primeiro capítulo, apresentamos e contextualizamos a pesquisa desenvolvida, trazendo a reflexão sobre as novas exigências para a inserção cidadã na sociedade da informação, repercutindo na informática educativa e buscando um valor educativo do computador para a Educação Infantil.

Uma breve apresentação dos objetivos da pesquisa e das questões que nortearão esta investigação estão inseridas no capítulo dois. Neste capítulo, o leitor poderá compreender se as rotinas da Educação Infantil permitem o uso do computador na modalidade e como os professores percebem a utilização do computador nesta etapa inicial da educação básica. Os procedimentos metodológicos adotados para a elaboração deste trabalho serão apresentados também neste capítulo.

No capítulo três, o leitor conhecerá os debates sobre a informática na Educação Infantil e suas consequências, a dinamicidade do trabalho pedagógico, as situações de uso do computador na Educação Infantil e as posturas docentes sobre o uso do computador com as crianças. Neste capítulo, o leitor entrará em

contato com o processo de coleta de dados e análises feitas a partir das entrevistas junto aos professores da Educação Infantil.

E, por fim, no capítulo quatro, apresentamos as conclusões do trabalho realizado.

Não se pode negar que há um caminho intenso a ser percorrido da capacitação em tecnologias à prática pedagógica do professor de Educação Infantil. Não compreender os anseios e as dúvidas do professor que atua na Educação Infantil significa dar voz à desesperança, fortalecendo o cansaço moral em que muitos se encontram, permitindo que as certezas educativas acabem por garantir as velhas seguranças dos educadores (ARROYO, 2007). No entanto, não podemos permitir que a tecnologia se torne um corpo estranho para o professor, que se vê cercado e acostumado a grades curriculares, ao conservadorismo tecnológico, à ordem explicadora dos conhecimentos (RANCIÈRE, 2004). Portanto, o desafio está em compreender que:

Se alguma coisa nos anima a educar é a possibilidade de que esse ato de educação, essa experiência em gestos nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos para ser outra coisa para além do que vimos sendo.¹

¹ Trecho retirado do texto de apresentação da coleção *Educação: experiência e sentido*, escrito por Jorge Larrosa e Walter Kohan em 2004.

Capítulo 1- O valor educativo do computador para a Educação Infantil

As crianças possuem um jeito peculiar ao realizar suas descobertas. Elas se entregam à aventura da descoberta e não deixam o medo do novo envolvê-las. Os relatos de adultos que se impressionam com o manejo das crianças com algumas tecnologias presentes no cotidiano são recorrentes. Não podemos esquecer que esta geração cresce em meio a transformações tecnológicas significativas e o valor educativo do computador para a Educação Infantil precisa ser debatido, inclusive, pelas próprias crianças.

De acordo com a coordenadora geral da Educação Infantil do Ministério da Educação (MEC), Rita Coelho, o Plano Nacional de Educação tem como meta para o início de 2011 atender 50% das crianças até 3 anos e 80% das crianças com idade de 4 a 6 anos. Um dos desafios enfrentados pela Educação Infantil tem sido buscar e promover a igualdade de estrutura e qualidade ofertadas nesta etapa inicial da educação básica. O brincar, o aprender a conviver começam a fazer parte do currículo escolar por serem importantes para o desenvolvimento integral da criança. As crianças, por sua vez, “mais espertas e curiosas”, mostram, no dia a dia, que não estão desconectadas do mundo. O computador, inicialmente restrito para poucos, com o passar do tempo, foi ganhando seu lugar dentro dos lares, das empresas, dos serviços privados e públicos.

Apesar das mudanças naturais e significativas do mundo, o sistema educacional ainda não se adaptou à ideia de estar recebendo um estudante com outro tipo de pensamentos e ações. Prensky (2001) os denominou “nativos digitais”. Os nativos digitais nasceram e cresceram no mundo digital, aprenderam a falar digitalmente, a conviver em rede, a lidar com a convergência das tecnologias, processando as informações de forma diferenciada de seu professores.

Para Gomes (2006), a criança em desenvolvimento apresenta possibilidades de vivenciar experiências que tenham o computador como mediador no processo de aprendizagem. Segundo a autora, a ótica construtivista do estudo da aprendizagem, representada pela epistemologia genética de Piaget, e o sócio-interacionismo de Vygostky mostram que o conhecimento está na interação entre sujeito e objeto, num processo dialético. Este processo é fundamental para a transformação de conceitos espontâneos em científicos.

Diante da “cultura digitalizada” (BELLONI, 2001), as crianças precisam, ao longo da construção de sua identidade, experimentar o uso do computador no contexto da Educação Infantil. É preciso ressaltar que esta experimentação na escola deve considerar os contextos culturais e históricos em constante transformação que a criança está inserida. Vale lembrar que, no processo de descobertas, a criança acaba por ser transformada, modificando seus conceitos (BUJES, 2001).

Os estudantes, independente da idade, não frequentam a escola sem nada saber. Existe um saber prévio que precisa ser considerado pela escola. São dois mundos, duas inteligências, duas vontades que, interagindo de forma dinâmica, irão apreender e atuar sobre um novo mundo. Quando esse encontro acontece, a parceria entre educando e educador ganha força e autonomia. Mas, para esta parceria ser bem sucedida, é preciso, ao contrário do que muitos pensam, ter um planejamento bem estruturado que possibilite a integração entre todos os sujeitos educacionais e destes com as ferramentas que utilizam no contexto escolar. Para Vasconcelos (2002, p. 37),

O que dá vida a uma escola? Seria o planejamento? Não podemos ter essa ilusão. São as pessoas, os sujeitos que historicamente assumem a construção de uma prática transformadora. Antes de mais nada, precisamos de uma “matéria-prima” fundamental: as pessoas, que buscam, sonham, pensam, interrogam, desejam. Numa concepção libertadora, **sujeitos, projeto e organização** devem se articular a partir do fundamental, que são as pessoas, construtoras e destinatárias da libertação. (Grifos do autor)

É no espaço escolar que os sujeitos se encontram e se desencontram, em meio às exigências tecnológicas da sociedade da informação, em que aprender a

conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, a conviver com os outros e aprender a ser, (UNESCO, 2001) se concretizam nas novas exigências educativas para a sociedade da informação.

Tanto educando quanto educadores estão ressignificando suas ações no cotidiano. Suas certezas deixam de ser tão “certas”, tão fechadas, tão prontas, que afetam a tranquilidade costumeira do professor. Se hoje as novas exigências educacionais são pautadas na convivência com o outro, na relação significativa do aprender a fazer e ser, o convite ousado para duvidar está lançado. Para Arroyo (2007, p. 174),

Um movimento inovador que toca em valores coletivos, em culturas sociais e políticas, em imaginários coletivos perde força quando o isolamos nos muros e tensões da escola. A cultura escolar e profissional, os valores construídos historicamente sobre a educação como direito, as certezas e as crenças são coletivas, sociais, como tais têm de ser tratadas em movimentos coletivos. Esperar que mudem tentando converter cada um, cada crente, cada mestre ou militante a essa nobre causa, a novos valores sociais, à nova cultura é ingenuidade. As crenças e valores sociais não são a soma das crenças individuais.

É na coletividade que a escola precisa se reencontrar. E o uso do computador no cotidiano dará um diferencial, libertando-se do ter, do uso meramente automático, voltando-se para sua própria capacidade de aprender, de ser no mundo. O uso do computador terá um valor educativo quando as crianças se tornarem as protagonistas de sua aprendizagem, experimentando, trocando informações, convivendo com outras crianças e adultos. Dessa forma, o computador terá um valor educativo para a criança, pois seu uso fará sentido, terá uma intencionalidade. É preciso lembrar que esta intencionalidade do uso do computador na Educação Infantil deve ser muito mais qualificada. É preciso considerar o desenvolvimento de habilidades sociais, da curiosidade, da sensibilidade, do domínio do espaço, do corpo e das modalidades expressivas (BUJES, 2001), para então atribuir um valor educativo ao uso do computador na escola. As crianças precisam atuar sobre os objetos, comprovando os resultados de suas ações em situações diversas mediadas pelo mundo social.

O valor educativo do computador para o contexto da Educação Infantil será válido quando os responsáveis por esse espaço compreenderem que a inclusão digital precisa ter uma intencionalidade definida, criando um ambiente de vivências, onde as novas linguagens, resultantes da inserção das tecnologias na escola, transcendam as próprias máquinas. A escola precisa compreender sua função orientadora em relação às práticas sociais que estão sendo fortemente influenciadas pelas tecnologias, com o objetivo de avançar para a construção de uma sociedade de fato democrática em sua essência.

1.1 Informática educativa: reflexões sobre o uso de computadores na Educação Infantil

O uso do computador nas escolas, sobretudo nos centros que atendem as crianças de Educação Infantil, ainda é um movimento em construção, cujos resultados preliminares mostram uma dicotomia clara entre os que são favoráveis e os que não concordam com o uso de computadores na Educação Infantil. Mas não basta somente concordar ou discordar. É importante compreender a essência das ideias apresentadas, convidando até mesmo as próprias crianças para o debate. Cabe ressaltar que as crianças estão crescendo e tendo suas experiências em meio a um mundo em constante mudança, cujas formas de linguagem e informação ganham novos contextos, transcendendo o uso técnico e formal das máquinas em que as pessoas se conectam.

Em uma sociedade complexa como a nossa, cujas práticas sociais têm sido influenciadas, cada vez mais, pelas novas tecnologias de informação, comunicação e expressão, um dos desafios é ser gestor do próprio tempo. É interessante perceber que,

A máquina desafia aquele que a utiliza, fazendo com que o homem se reveja, mude suas posturas e se eduque. Ao mesmo tempo, o homem percebe a necessidade de criar e de ampliar o instrumento, buscando novas formas de trabalho que aumentem sua capacidade e sua possibilidade de se desenvolver. (JOSÉ, 2005, p. 88)

Quando o computador se popularizou, em meados dos anos 1990, as informações produziram uma nova forma de ver o mundo, de vivenciar a cultura (VALENTE, 2000). A questão sobre como os seres humanos se relacionam, utilizando a máquina como meio de interação, precisou ser debatida. Flusser (2007) nos chama a atenção para que esta liberdade adquirida nas pontas dos dedos, com o uso do computador, não seja uma liberdade programada. O autor nos alerta que,

por isso, é como se a sociedade do futuro, imaterial, se dividisse em duas classes: a dos programadores e a dos programados. A primeira seria daqueles que produzem programas, e a segunda, daqueles que se comportam conforme o programa. (...) a sociedade do futuro, imaterial será uma sociedade sem classes, uma sociedade de programados programadores. Essa é, portanto, a liberdade de decisão que nos é aberta pela emancipação do trabalho. Totalitarismo programado (FLUSSER, 2007, p. 64).

Uma pesquisa realizada no ano de 2007, e divulgada em 2008 pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil, verificou que houve um aumento significativo dos internautas (34% em 2007) e dos domicílios com acesso à Internet Banda Larga (50% de aumento). O governo brasileiro tem planos ambiciosos de informatizar as escolas públicas urbanas de todo o país. É notório que uma postura diferenciada em relação às práticas escolares e o uso do computador precisa ser proposta e vivenciada.

Transcender os conhecimentos técnicos relacionados ao uso do computador e seus periféricos é um desafio para o usuário. As necessidades do usuário transcendem os meros exercícios de repetição ou o foco desmedido nas ferramentas sem trazê-las para o contexto real e verdadeiro do professor atuante na educação.

Entende-se por Informática Educativa (VALENTE, 2001), a introdução do computador no processo de aprendizagem dos conteúdos curriculares em todos os níveis e modalidades de ensino, respeitando os processos de ensino/aprendizagem dos aprendentes. Contudo, é preciso distinguir os conceitos de ensino pela informática e ensino de informática. Quando a escola adota e trabalha o ensino de informática, o trabalho de conscientização do computador é

realizado a partir da parte técnica da ferramenta, por si só. Não há um entrelaçamento entre os conteúdos curriculares e a ferramenta. As crianças aprendem a fazer uso da ferramenta sem intencionalidade. Já o ensino pela informática pressupõe um envolvimento maior, dentro da realidade do estudante e dos professores (VALENTE, 2000). O computador passa então a fazer parte do conteúdo a ser estudado, sendo visto e percebido como ferramenta que pode auxiliar na busca do conhecimento. O resultado deste envolvimento é percebido nas formas diferenciadas no pensar e no uso das NTICE's dentro de seu contexto social. Cabe ressaltar que no contexto social contemporâneo a coletividade informal tem se fortalecido, tendo a Internet como principal aliada. A força dessa coletividade informal estende-se até os portões da escola. Dos portões para dentro, a resistência arraigada pela cultura escolarizada faz com que o laboratório de informática ganhe ares de um local sagrado, onde somente um especialista em tecnologia teria a bondade de receber as crianças para transmitir o já sabido.

De fato, não é tão simples o quanto parece tentar responder às necessidades de uma geração que nasceu e cresceu com o uso do computador pessoal. As ferramentas eficazes encantam pelas facilidades e possibilidades que apresentam. É preciso lembrar que a aprendizagem dos seres humanos não está limitada ao ambiente escolar e a seus conteúdos. Ela está presente no ato de andar, de aprender a falar, nas relações sociais e na interação com as tecnologias.

Como estamos convivendo com uma geração tecnológica, o educador, sobretudo o infantil, primeiramente deve estar sensível à realidade de seus estudantes. Ferreiro (2001) defendeu a importância de os educadores viverem em um mundo alfabetizador, tendo o prazer pela leitura, para então apresentar este mundo às crianças. Em relação às novas tecnologias não é muito diferente. É preciso que o educador infantil conheça, interaja e estude uma forma de utilizar conscientemente o computador no cotidiano de sua classe, pois as crianças, além de construírem hipóteses sobre o mundo ao redor, fazem parte dele, criando, participando da vida social, cada uma à sua maneira.

O debate sobre o uso do computador na Educação Infantil é algo recente. As 38 bibliotecas digitais de teses e dissertações das principais universidades federais e particulares do Brasil sobre o tema proposto refletem poucas pesquisas na área. As demais áreas de ensino (fundamental e médio) aparecem com maior frequência em pesquisa envolvendo o uso do computador no contexto escolar. As pesquisas envolvendo crianças e o uso do computador mostram, de forma geral, a preocupação na falta de intenção e de objetivos claros das propostas escolares em relação à implementação dos computadores na Educação Infantil. A democratização do computador não trouxe somente o acesso. Trouxe exigências de uma postura diferenciada, tanto para o adulto quanto para as crianças. Para Postman (1999, p. 37),

(...) as mudanças na tecnologia da comunicação têm, invariavelmente, três tipos de efeitos: alteram a estrutura dos interesses (as coisas em que pensamos), o caráter dos símbolos (as coisas com que pensamos) e a natureza da comunidade (a área em que os pensamentos se desenvolvem)

Gallo (2002), em apresentação à ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, acredita que é preciso repensar a motivação e a necessidade efetiva da instalação de laboratórios de informática para a Educação Infantil. Segundo a autora, se a implementação dos laboratórios de informática for puramente por motivos políticos, isso não garante uma articulação com o projeto pedagógico da escola, tampouco sua integração no currículo escolar. As “aulas de informática” passam a ser momentos de distração, agravando ainda mais a exclusão social e digital existente em nosso país. A intenção de um projeto deste porte deve estar integrada com a proposta curricular da escola e toda a equipe escolar.

Para Mota (2007), a criança que chega à escola de Educação Infantil traz uma bagagem cultural tecnológica, fazendo uso de várias tecnologias, em especial o computador. Contudo, a autora revela em sua pesquisa que as crianças gostam de utilizar o computador como instrumento lúdico de interação com ela mesma e seus familiares, elas brincam imitando os pais, convidando-os para uma troca de saberes.

Essa troca, segundo a autora, não acontece com o professor que atua na Educação Infantil porque a criança não se identifica com ele, por não vê-lo envolvido com práticas de utilização do computador em ambiente escolar. Portanto, a escola precisa se preparar para receber uma nova criança que vive experiências cotidianas no mundo das mídias, cujo aprendizado precisa ter significado para ela, pois ela é elemento ativo na construção de seu próprio conhecimento.

Belloni & Gomes (2008), em seu artigo “Infâncias, mídias e aprendizagem”, descrevem como os ambientes de aprendizagem computacionais podem ser eficazes na aprendizagem das crianças, possibilitando a interação entre sujeito e objeto do conhecimento a ser construído. Segundo as autoras, a interação entre pares e adultos em situações inovadoras de aprendizagem a partir do uso pedagógico adequado das tecnologias de informação e comunicação pode levar as crianças a desenvolverem comportamentos colaborativos e autônomos de aprendizagem.

Segundo as autoras, a escola deveria aperfeiçoar seus métodos, técnicas e conteúdos para estar em sintonia com o mundo tecnológico em que esta nova geração está crescendo. Mais que investir em equipamentos sofisticados é preciso repensar as práticas pedagógicas dos professores, favorecendo, desta forma, a aprendizagem colaborativa tão fundamental para a vida contemporânea e de práticas ligadas à cidadania e trabalho.

Para Gomes de Oliveira (2006), a interação entre a criança e o computador traz um impacto sobre a construção de sua identidade, justamente por este recurso estar a cada dia se tornando mais presente na vida dela. De acordo com a autora, a interação criança/computador contribui para a aprendizagem da criança, provocando sua lógica de construção de conhecimento. O acesso ao computador, em especial, deve ser acompanhado de perto pela família e a escola em ambientes cuidadosamente preparados para este fim.

Amante (2004) defende que o uso do computador pelas crianças da Educação Infantil não deve ser meramente técnico. O computador deve estar a serviço de seu desenvolvimento educacional e integrado ao universo infantil. A

autora mostra em sua pesquisa como o computador pode contribuir em situações de construção da escrita e na identificação de grafemas pela criança da Educação Infantil a partir de momentos de interação entre as crianças e desta com o computador. As crianças puderam testar suas próprias hipóteses de escrita, sempre tendo o adulto como mediador do processo.

Já Pacheco (2006) enfatiza em seu estudo que as tecnologias de informação e comunicação devem propiciar mudanças nas formas de aprender e ensinar, fazendo com que os estudantes da Educação Infantil não sejam meros consumidores das tecnologias, mas criem, discutam, busquem e façam escolhas. Nesta visão, o laboratório de informática deixa de ser somente um local de digitação de trabalhos e acesso à Internet, para tornar-se um local de construção de conhecimento. Portanto, para incorporar o uso do computador na Educação Infantil, é preciso que os responsáveis fiquem atentos quanto à idade e suas especificidades, satisfazendo as necessidades infantis sem tratar as crianças como adultos em miniatura. A autora considera válido o uso da informática na Educação Infantil por atender às necessidades do desenvolvimento infantil, proporcionando possibilidades de desafios e liberdade de investigação de soluções para os problemas apresentados.

É interessante lembrar que o papel do professor não pode estar firmado somente em transmitir conhecimentos ou em guiar os educandos ao conhecimento. Um professor que não traz todas as respostas para o educando, mas deixa uma inquietação, uma desconfiança, lança um convite para o aprendizado significativo. Para Madalena Freire (1983, p. 15),

(...) o ato de conhecer é tão vital como comer ou dormir, e eu não posso comer ou dormir por alguém. A escola em geral tem esta prática, a de que o conhecimento pode ser doado, impedindo que a criança e, também, os professores o construam. Só assim a busca do conhecimento não é preparação para nada, e sim VIDA, aqui e agora. E é esta vida que precisa ser resgatada pela escola. Muito temos que caminhar para isso, mas é no hoje que vamos viabilizando esse sonho de amanhã.

A escola torna-se então um espaço de diálogo, convivência e reflexão, abrindo as portas para um encontro com o mundo repleto de possibilidades,

desafios e descobertas. Não podemos esquecer que são as pessoas que estão conectadas e não as máquinas. E esta verdade precisa fazer parte da Educação Infantil. Mesmo com as mazelas que tem assolado a sociedade contemporânea, vale relembrar que as crianças não estão fora deste contexto informatizado.

Mattei (2002) compartilha a experiência do Centro de Educação Infantil Monteiro Lobato em Blumenau na construção de software para desenho, com a participação de crianças com idade de 1 a 6 anos. A professora foi instigando o pensamento das crianças e propôs um levantamento de ideias do que poderia ser melhorado no software. Os resultados mostraram a interação prazerosa das crianças com o computador, brincando com suas próprias ideias e experimentando suas próprias hipóteses.

Segundo Levin (2007, p. 11),

As crianças da atualidade têm outro jeito de brincar, imaginar, sofrer, pensar e construir sua realidade infantil. As experiências e vivências infantis estruturaram-se e se desenvolvem de maneira diferente que em qualquer outra época. Hoje, o fascínio e a sedução exercidos pela imagem estão em posição central.

É a partir dessa criança que pensa e age diferente de outras gerações que o uso do computador deve ser repensando.

Setzer (1996) considera o computador uma máquina matemática, portanto, abstrata. Para a criança pequena, cuja maturidade mental ainda está em desenvolvimento, forçar o pensamento abstrato fazendo uso do computador pode ser prejudicial. Para o autor, os pais devem evitar esta exigência de a criança pequena ter aulas de informática. Primeiro porque as mudanças que permeiam as tecnologias são constantes. Daqui a dois anos, por exemplo, as tecnologias não serão as mesmas. Outra preocupação está ligada à vaidade em relação ao uso do computador e não à real necessidade. Com que objetivos as escolas tem implantado no currículo escolar da educação infantil as tais aulas de informática? Sem contar a falta de acompanhamento das crianças e dos jovens no acesso à Internet, onde existe um vasto material sem qualidade à disposição de qualquer usuário, exigindo uma maturidade que as crianças pequenas ainda não adquiriram.

Setzer (1998) questiona em seu artigo “O ensino de informática para criança: um crime contra humanidade?” a real necessidade contemporânea e tão desesperadora em colocar crianças em contato com computadores com base na justificativa de que o simples contato com a informática lhe garantirá um belo emprego no futuro. As pessoas esquecem que há uma história a ser vivida e construída. Para o autor, as crianças devem ser orientadas em atividades que desenvolvam sua coordenação motora, a orientação espacial, a imaginação e a fantasia em atividades reais, longe dos computadores. Essas máquinas possuem uma linguagem lógico simbólica exigindo do seu usuário um raciocínio essencialmente matemático. É preciso lembrar que as crianças ainda estão construindo sua linguagem simbólica e sua compreensão matemática. Forçar o uso do computador seria permitir a queima de uma etapa natural do desenvolvimento infantil.

Os estudos apresentados mostram que é preciso ter bom senso na utilização dos computadores para as crianças pequenas. Os autores ressaltam a importância de se ter um planejamento adequado e principalmente o respeito ao desenvolvimento infantil. O computador deve ser agregado à rotina da educação infantil sem o peso de um laboratório de informática, sem ansiedades ou preocupações.

1.2 Professores de Educação Infantil e computadores: uma relação em construção

Participar das classes de Educação Infantil como professor é um presente. Tal frase se justifica pelas particularidades e possibilidades de trabalho que a Educação Infantil oferece. Aspectos como formação pessoal e social, conhecimento de mundo, identidade e autonomia são os eixos de trabalho a serem desenvolvidos. É importante ressaltar que ao profissional da modalidade é exigido o desenvolvimento de competências polivalentes. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 41),

Ser polivalente significa que ao professor cabe trabalhar com conteúdos de naturezas diversas que abrangem desde cuidados

básicos essenciais até conhecimentos específicos provenientes das diversas áreas do conhecimento. Este caráter polivalente demanda, por sua vez, uma formação bastante ampla do profissional que deve tornar-se, ele também, um aprendiz, refletindo constantemente sobre sua prática, debatendo com seus pares, dialogando com as famílias e a comunidade e buscando informações necessárias para o trabalho que desenvolve.

A polivalência, de acordo com o documento citado, delega ao professor de Educação Infantil uma postura de aprendiz que integra educação, cuidado e diálogo. Na Educação Infantil há ainda um fator preocupante, herdado das concepções de infância do começo do século. Como a crença de que a criança não viveu o suficiente para ter suas experiências, a explicação dos conteúdos, os exercícios de prontidão são os mitos atuais a serem enfrentados. O professor ganha então o status de “ser iluminado que contém conhecimento” e a criança “o ser que está aprendendo”. A este professor iluminado, Rancière (2004) chamou de mestre explicador.

Estamos lidando com duas gerações (adultos e crianças). Entende-se por migrantes digitais (PRESNKY, 2001) a geração nascida antes da era digital, mas que, aos poucos, foi agregando alguns aspectos das tecnologias em seu cotidiano, tais como e-mail, Orkut ou programas de mensagens instantâneas. O fato é que os adultos estão ainda se familiarizando com a linguagem do mundo digital. De acordo com a pesquisa “Lápis, Borracha e Teclado” (WAISELFISZ, 2007), em 2005, tínhamos no Brasil em torno de 3,2 milhões de profissionais da educação. Deste total, mais da metade (54,1%) afirmou ter utilizado a Internet nos últimos três meses que antecederam a pesquisa. Entre os professores da Educação Infantil que mais utilizaram computadores e Internet estão os com formação superior (61,4%). Os professores que não possuem magistério e atuam na Educação Infantil e no Ensino Fundamental (29,4%) são os que menos usaram a Internet em seu cotidiano.

As finalidades de uso mais frequente sinalizadas na pesquisa foram educação-aprendizado e comunicação com outras pessoas, leituras de jornais e revistas on-line. Cabe lembrar que é possível estar inserido no mundo digital sem, no entanto, fazer uso da Internet. Os professores, como migrantes digitais, estão pouco a pouco fazendo uso das tecnologias, construindo sua relação com os

computadores. O desafio é ir mais fundo nesta relação que está sendo construída.

Para alcançar esse objetivo, procurando cumprir sua responsabilidade social, a escola precisava contar com professores capazes de captar, entender e utilizar na educação as novas linguagens dos meios de comunicação eletrônicos e das tecnologias, que cada vez mais se tornam parte ativa da construção das estruturas de pensamento de seus alunos. O professor, sintonizado com a rapidez desta sociedade tecnológica e comprometido com o crescimento e a formação de seu aluno, precisará – além de capacidade de análise crítica da sociedade – de competências técnicas que o ajudem a compreender e organizar a lógica construída pelo aluno mediante sua vivência no meio social. Essa capacidade será necessária para utilizar as tecnologias e suas diferentes linguagens, com o objetivo de atingir o aluno e transformá-lo em um cidadão também capaz de entender criticamente as mensagens dos meios de comunicação a que é exposto, além de saber lidar, no dia-a-dia, com os outros avanços tecnológicos que o rodeiam (SAMPAIO & LEITE, 1999, p. 18-19).

A parceria entre educando e educador pode mover muitas barreiras impostas na educação e na relação com o computador. O caminhar junto não reduz a experiência do professor, pelo contrário, a experiência produz perseverança. O educador quando vive o processo de deixar os conceitos em que tanto acreditava para conhecer e apreender novas propostas e visões reaprende com a experiência que está vivendo e aprende a caminhar junto com os educandos, pois eles ensinam também. Esta nova geração, que se relaciona com as tecnologias de forma simples e natural, pode contribuir para a construção da relação das NTICEs – Novas Tecnologias de Informação, Comunicação e Expressão com os professores.

Freire (1986, p. 41) afirma:

Mas foi aí que aprendi, na minha relação com eles, que eu deveria ser humilde em relação à sua sabedoria. Eles me ensinaram, pelo silêncio, que era absolutamente indispensável que eu unisse meu conhecimento intelectual com sua própria sabedoria. Ensinaram-me, sem nada dizer, que eu nunca deveria dicotomizar esses dois conjuntos de conhecimento: o menos rigoroso do muito mais rigoroso. Ensinaram-me, sem nada dizer, que sua linguagem não era inferior à minha.

Um dos processos enfrentados pelos professores na relação com o computador, independente de sua crença, é descobrir-se autônomo em sua prática (FREIRE, 1986). A autonomia não pode ser adquirida como um produto qualquer ou com o acúmulo de certificados de cursos de formação de professores sobre tecnologias. Sua construção é diária e constante. Esta busca produz movimento, um constante pensar e repensar.

As experiências são pontes importantes para o ato de refletir. É refletindo o cotidiano que as incertezas educacionais são enfrentadas e os professores deixam de ser reféns do sistema explicador. A autonomia surge quando o homem é capaz de ser gestor de toda essa dinâmica, agregando fatos e fatores que dão vida nova ao conhecimento. Segundo Freire (1999, p. 51),

Uma das grandes, se não a maior tragédia do homem moderno, está em que é hoje dominado pela força dos mitos e comandado pela publicidade organizada, ideológica ou não, e por isso vem renunciando cada vez, sem o saber, à sua capacidade de decidir.

Ao impor o conhecimento para o outro, deixando nas mãos dos poucos que decidem o que se deve ou não aprender, a autonomia se esvai. O professor precisa compreender que seu papel está além das quatro paredes da sala de aula, está na reinvenção de sua própria história. Sua postura, suas ações, sua prática devem estar muito bem fundamentadas, ou seja, é preciso que o educador percorra este caminho para então compartilhar aos estudantes a possibilidade de construção/reinvenção de sua própria história sem cair nas armas do paternalismo e na orientação do conhecimento de forma equivocada. Nesta perspectiva, o estudante pode se tornar um “clone” do professor: ele sonha os ideais do professor, deixando de construir os seus. E para ser sujeito consciente do uso das NTICEs, o professor precisa vivenciar experiências significativas na relação com essas tecnologias, construindo uma relação efetiva e de qualidade nas práticas do cotidiano. Além de enfrentar as certezas formadas dentro da escola, contra as muitas incertezas do mundo fora da escola.

Para Freire (2003, p. 47),

A prática educativa, pelo contrário, é algo muito sério. Lidamos com gente, com crianças, adolescentes ou adultos. Participamos de sua formação. Ajudamo-los ou os prejudicamos nesta busca. Estamos intrinsecamente a eles ligados no seu processo de conhecimento. Podemos concorrer com nossa incompetência, má preparação, irresponsabilidade, para o seu fracasso. Mas podemos, também, com nossa responsabilidade, preparo científico e gosto do ensino, com nossa seriedade e testemunho de luta contra as injustiças, contribuir para que os educandos vão se tornando presenças marcantes no mundo.

É na inquietude sentida pelo professor de Educação Infantil que o convite para a coletividade dos estudantes se torna uma ação real, possível e humana. Presenteando o professor com a possibilidade de ser protagonista de sua história, tendo o computador como ferramenta parceira nas práticas escolares.

Sucintamente, a relação entre as pessoas e as NTICEs tem ganhado uma dimensão mais participativa na sociedade contemporânea. A forma de se viver em coletividade, tendo as NTICEs como mediadoras, tem transformado ações cotidianas como buscar informações de produtos ou ter acesso a serviços básicos on-line (telefonia, cartão de crédito, promoções de produtos, acesso ao contracheque). E até o simples uso de aparelhos eletro-eletrônicos, com recursos multimídias integrados, estão possibilitando ao ser humano uma liberdade conectada.

Neste velho mundo novo, os interesses das pessoas se entrecruzam com mais facilidade, formando outras conexões, que, por sua vez, se unem ou se unirão a outros interesses, formando tramas, uma rede de pensamento, ideias e comportamentos. Para Lévy (apud LEMOS, 2008, p.12),

A Internet é um espaço de comunicação propriamente surrealista, do qual “nada é excluído”, nem o bem, nem o mal, nem suas múltiplas definições, nem a discussão que tende a separá-los sem jamais conseguir. A Internet encarna a presença da humanidade a ela própria, já que todas as culturas, todas as disciplinas, todas as paixões aí se entrelaçam. Já que tudo é possível, ela manifesta a conexão do homem com sua própria essência, que é a aspiração à liberdade.

Nessas redes de pessoas conectadas há diversas gerações, desbravando caminhos para semear possibilidades de interação, comunicação e,

principalmente, de formas de expressão. As vozes, outrora silenciadas, agora se transformam em celebridades anônimas e instantâneas da Internet. Nas rodas informais de conversa, onde a TV reinava absoluta, agora cabem opiniões sobre fatos acontecidos no “último minuto”, registrados e recebidos por meio do celular ou por e-mail.

É importante lembrar que, em meio a esse emaranhado de ideias e fatos e comportamentos interconectados, estão nossas crianças. As crianças nascidas a partir de 2003 vieram ao mundo em meio à facilidade de acesso a celulares, televisão e produtos de informática. Elas enxergam este movimento com naturalidade. Possivelmente, a revolução para esta geração conectada seja uma nova forma de agir e utilizar tais recursos em seu cotidiano. É preciso refletir sobre a relação professor-criança, criança-criança mediados pelas NTICEs.

Para Illich (1973, p. 24),

O homem precisa de uma ferramenta com a qual trabalhe, e não de instrumentos que trabalhem em seu lugar. Precisa de uma tecnologia que tire o melhor partido da energia e da imaginação pessoais, não de uma tecnologia que o avassale e o programe.

Cabe ressaltar que a construção da relação entre o ser humano e as máquinas em plena sociedade da informação tem fomentado conceitos e posturas diferenciadas no cotidiano. Ao olhar para o passado, é possível perceber fortes restrições à democratização da informação, materializadas pelo não acesso aos livros ou ao retalhamento do conhecimento construído. A imprensa de Gutemberg foi um marco importante, pois, de certa forma, causou uma provocação inicial, mobilizou e mostrou que a tecnologia pode promover um impacto significativo nas aprendizagens, ao possibilitar que o ‘conhecimento impresso’ nos livros, nos jornais, nas revistas pudesse chegar a muitas pessoas e a muitos lugares.

Para os professores de Educação Infantil do Distrito Federal, o uso dos computadores em sua prática docente é uma novidade. Os profissionais vivem em uma linha tênue entre o amor e o ódio quando o tema é o uso do computador. As entrevistas realizadas com os professores da Educação Infantil do Distrito Federal revelaram que, apesar de fazerem uso de computadores com mais

frequência para uso pessoal e realização de atividades escolares, poucos ainda os utilizam nas rotinas escolares com as crianças. A resposta para esta lacuna é o fato de não terem a mínima ideia de como utilizar o computador como parte do contexto escolar, apesar de serem unânimes em considerá-lo como ferramenta essencial para as crianças da Educação Infantil.

Capítulo 2 - Metodologia de investigação

Este capítulo tem por objetivo descrever os procedimentos metodológicos adotados para a realização desta pesquisa.

É importante lembrar que o ato de pesquisar, antes de descrever ou explicar, inclui em sua essência, compreender a realidade. Este diálogo entre o processo de pesquisa e a realidade social fomenta a transformação buscada e desejada para a realidade social que experimentamos.

A pesquisa proposta neste trabalho tem caráter qualitativo, de natureza fenomenológica, utilizando como ferramenta de coleta de dados a entrevista semiestruturada. De acordo com Moreira (2002), o pesquisador sob tal enfoque irá interpretar o mundo real a partir das perspectivas subjetivas do próprio sujeito sob estudo. A pesquisa qualitativa é focada no ser humano e em sua visão de mundo. Diante disso, o investigador precisa ter o cuidado e a sensibilidade ao descrever a experiência do sujeito, na medida em que as pessoas são diferentes de outros objetos de estudos. Essa troca de saberes que a pesquisa qualitativa propõe contribui para o entendimento do pesquisador das situações investigadas e dos aspectos do universo em investigação.

Não podemos esquecer que há indivíduos cada qual com sua subjetividade. As investigações realizadas por meio das pesquisas sociais não podem ignorar as características do sujeito. De acordo com Szymanski (2008, p. 11),

Ao considerarmos o caráter de interação social da entrevista, passamos a vê-la submetida às condições comuns de toda interação face a face, na qual a natureza das relações entre entrevistador/entrevistado influencia tanto o seu curso como o tipo

de informação que aparece. (...) Esse processo recorrente, reflexivo, não pode acontecer separadamente das emoções, definidas por Maturana como domínio de ações, classes de condutas. O linguajar poderá se modificar no suporte emocional em que ocorre. No conversar, portanto, temos um contínuo ajuste de ações e emoções.

A palavra fenomenologia (MOREIRA, 2002) deriva das palavras gregas *phainomenon*, o que se mostra a partir de si mesmo, e *logos*, estudo ou ciência. Etimologicamente, fenomenologia significa o estudo da ciência ou fenômeno; e por fenômeno compreende-se o que se manifesta por si mesmo. Seu principal propósito é descrever experiências vividas sob a análise cuidadosa do pesquisador.

As principais estratégias de coleta de dados no método fenomenológico são:

- A entrevista, cujo propósito é que os participantes descrevam verbalmente suas experiências de um fenômeno.
- A descrição escrita de experiências pelo próprio pesquisador.
- Os relatos autobiográficos.
- A observação participante; nesta estratégia o pesquisador parte de observações do comportamento verbal e não-verbal dos pesquisados e de seu meio ambiente.

A entrevista semiestruturada foi a estratégia utilizada como instrumento de coleta de dados para esta pesquisa. Antes de ser considerada somente como um encontro entre duas pessoas, a entrevista propõe um entrelaçamento de ideias, vontades e emoções, enriquecendo, assim, a proposta da pesquisa. Não podemos esquecer que antes de compartilhar dados, ouvimos pessoas que se preocupam com o bem estar das crianças que atendem e que compartilham dúvidas e anseios.

Para Ludke & André (1986, p. 33), a entrevista é,

(...) uma das principais técnicas de trabalho em quase todos os tipos de pesquisa utilizados nas ciências sociais. Ela desempenha importante papel não apenas nas atividades científicas como em

muitas outras atividades humanas. (...) Mais do que outros instrumentos de pesquisa, que, em geral, estabelecem uma relação hierárquica entre o pesquisador e o pesquisado.

A entrevista semiestruturada foi utilizada a fim de coletar dados que contribuirão para esclarecer o problema proposto. Em relação à entrevista, Couto (2006, p. 31) destaca que:

O questionamento é mais profundo e, também, mais subjetivo, levando ambos a um relacionamento recíproco, muitas vezes, de confiabilidade. Frequentemente, elas dizem respeito a uma avaliação de crenças, sentimentos, valores, atitudes, razões e motivos acompanhados de fatos e comportamentos. Exigem que se componha em roteiro de tópicos selecionados. As questões seguem uma formulação flexível, e a sequência e as minúcias ficam por conta do discurso dos sujeitos e da dinâmica que acontece naturalmente.

2.1 Delimitação do problema de pesquisa

Tendo como pano de fundo a problemática da relação criança-computador no âmbito da Educação Infantil, esta pesquisa surgiu a partir da convivência com professores dessa modalidade, em que foi possível identificar uma série de dúvidas, angústias e incertezas manifestadas por esses profissionais em relação ao uso da informática em sua prática docente.

Para Sandholtz (1997, p. 163),

Os professores são, devido à natureza de seu trabalho, pragmáticos. Eles têm que sobreviver a cada dia e estar prontos para o dia seguinte. Confrontados por uma grande quantidade de computadores ou não, eles chegam a suas salas de aula no primeiro dia de suas carreiras com crenças definidas sobre o ensino, crenças elaboradas a partir de anos de participação em um determinado tipo de ensino, crenças que o ajudarão a aplacar a tempestade de exigências que eles têm que enfrentar.

Para os professores da Educação Infantil, aprender a integrar o computador nas suas rotinas envolve experimentar novas ideias, de forma a modificar os velhos hábitos, criando uma nova cultura no contexto escolar. A

aproximação do professor de educação infantil ao uso da informática tem levado este profissional a criar suas próprias estratégias, até então desconhecidas, em sua rotina de trabalho. Tal situação demonstra que vale a pena procurar por tais respostas.

A investigação qualitativa não se detém à contagem de quantos professores fazem uso do computador no contexto da Educação Infantil ou à simples apresentação de números.

Para Ludke & André (1986, p. 11),

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. Segundo os dois autores, a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra, por meio do trabalho intensivo de campo.

Esta busca por respostas ocasiona a reunião do pensamento e da ação. Isto faz com que o pesquisador procure por respostas para compor a solução dos problemas que surgem no contexto escolar. Assim, temos delimitado o problema da pesquisa: Como o professor de Educação Infantil do Distrito Federal faz uso do computador em sua prática docente?

A partir do problema de pesquisa desdobram-se como objetivos específicos:

- Explicitar rotinas de trabalho em Educação Infantil, a fim de avaliar sua dinamicidade e a inserção do computador.
- Analisar situações de uso do computador na ou para a Educação Infantil.
- Revelar posturas dos professores sobre o uso do computador na Educação Infantil.

Torna-se compreensível, a partir do problema de pesquisa e dos objetivos específicos, a importância de se conhecer como o uso do computador tem feito parte do cotidiano do professor.

A primeira reflexão refere-se às rotinas de trabalho na Educação Infantil, cujo objetivo é verificar se de fato há espaço para a inserção do computador de forma dinâmica. Para Barbosa (2006), as crianças da Educação Infantil estão a mercê de uma rotina rígida e seus professores sem perceber reforçam comportamentos e atitudes que poderão ser prejudiciais a elas.

A segunda reflexão refere-se à análise de situações de uso do computador na Educação Infantil, a partir da experiência dos professores, e a postura destes diante do uso do computador nas práticas educativas.

2.2 Os sujeitos da pesquisa

De acordo com o senso 2009, publicado no site da Secretaria de Educação do Distrito Federal – SEDF (<http://www.se.df.gov.br/>), a rede de ensino conta, atualmente, com 620 instituições educacionais que atendem toda a Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio), distribuídas em 14 regionais de ensino, responsáveis por gerenciar um determinado grupo de escolas nas regiões administrativas de Brasília. Do total geral (620 escolas), o atendimento para a Educação Infantil acontece em 14 CAICs – Centro de Atenção Integral à Criança, 16 CEI – Centros de Educação Infantil, 28 Jardins de Infância e outras 160 Instituições Educacionais (Escolas Classes e Centros de Ensino Fundamental).

Para a realização das entrevistas, foram selecionadas as regionais do Plano Piloto/Cruzeiro, com 32 escolas de Educação Infantil, e a de Santa Maria, que recebe crianças de 4 a 5 anos em oito escolas. A escolha dessas regionais de ensino se deu por meio da própria Secretaria de Educação. Deste universo, foram entrevistados 20 professores atuantes na Educação Infantil, cujas escolas possuem laboratórios de informática ou práticas de uso do computador em suas rotinas. Cabe ressaltar que, do universo pesquisado, poucas escolas se adequaram a este critério.

Dos entrevistados, somente 10% são homens e trabalham com crianças de 4 a 5 anos, especificamente nos laboratórios de informática, não atuando em sala de aula, como as demais professoras.

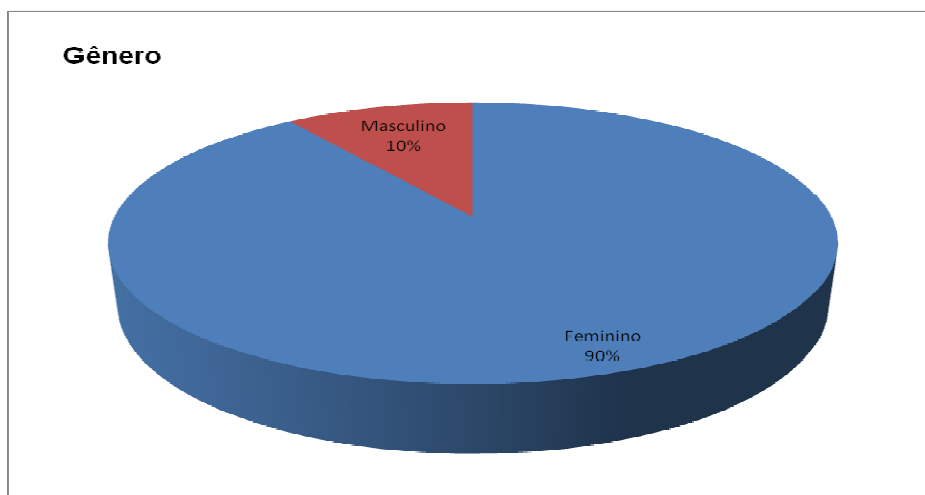


Gráfico 1 – Gênero.

Em relação à escolaridade dos professores entrevistados, o gráfico 2 nos mostra que, dos professores que atuam na Educação Infantil, 55% possuem pós-graduação, 40% são graduados e somente 5% ainda estão cursando a graduação.

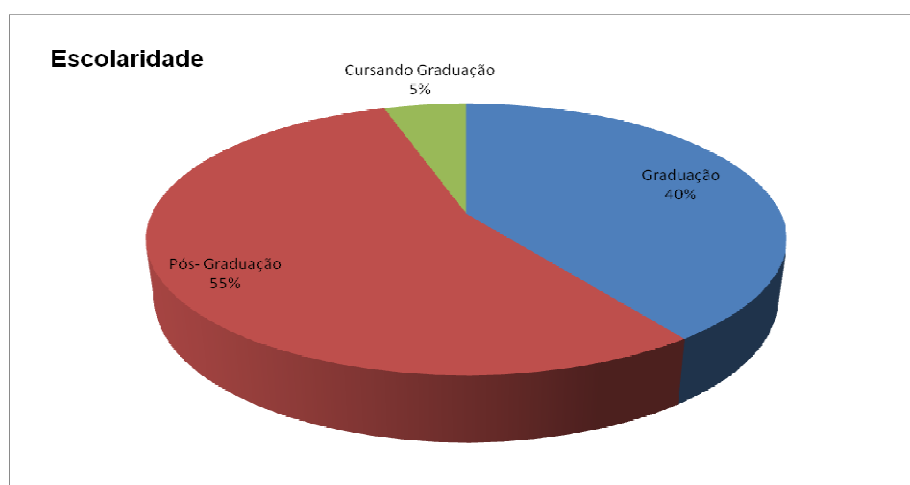


Gráfico 2 – Escolaridade.

Dos professores entrevistados que possuem pós-graduação (55%), 42% são especialistas em Psicopedagogia, 17% especialistas em Administração Escolar, 9% especialistas em Educação Infantil, seguido de 8% de especialistas em áreas diversas. Os dados mostram uma lacuna na formação dos professores que atuam na educação infantil no Distrito Federal. A pesquisa mostra que 91% dos professores entrevistados não possuem a formação específica para atuarem no contexto escolar infantil.

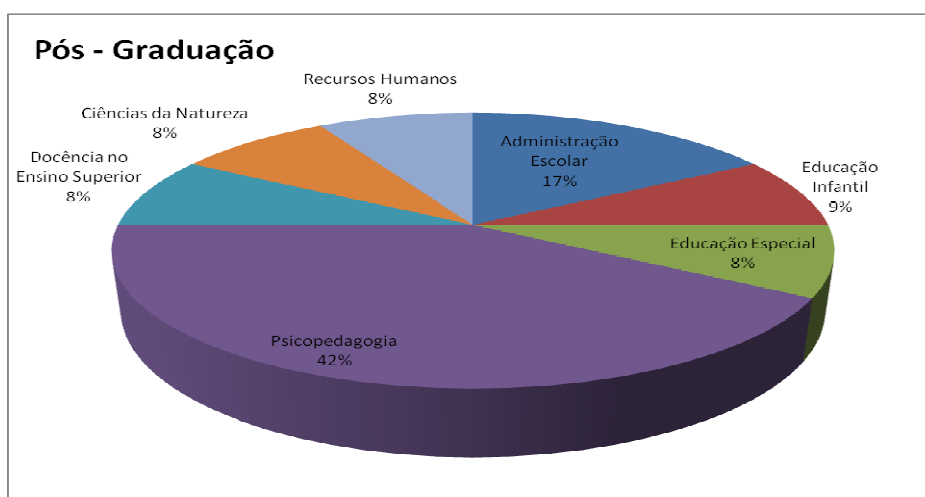


Gráfico 3 – Pós-Graduação.

Em relação aos professores graduados, 50% cursaram Pedagogia, os demais cursaram Ciências Econômicas (12%), Biologia (13%), Estudos Sociais (12%) e Licenciatura em Português (13%).

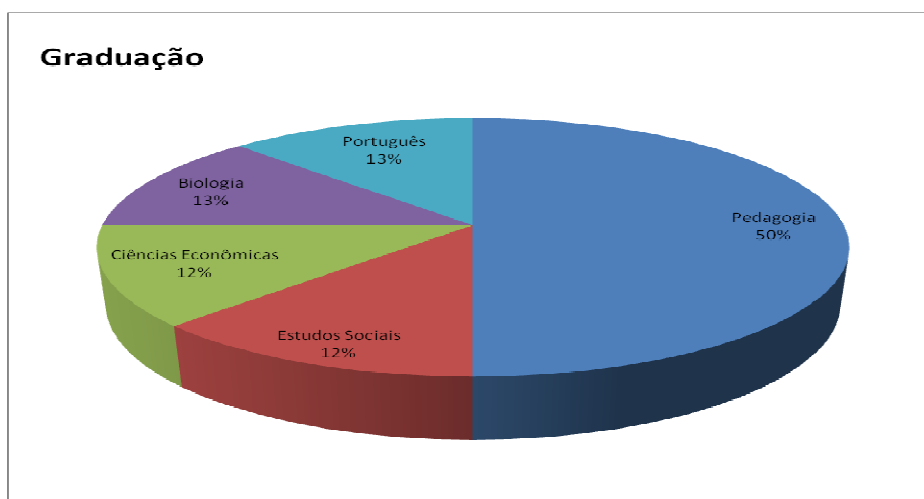


Gráfico 4 – Graduação.

É importante registrar que dos 5% que estão cursando graduação nenhum se formará em curso de licenciatura ou com foco para a Educação Básica.

Em relação à faixa etária dos professores que atuam na Educação Infantil, os profissionais com idade entre 31 a 40 anos representam 40% dos entrevistados, 30% possuem entre 41 a 50 anos, os professores de 20 a 30 anos

representam 20% e os profissionais acima de 50 anos representam 10% dos entrevistados, conforme mostra o gráfico 5.

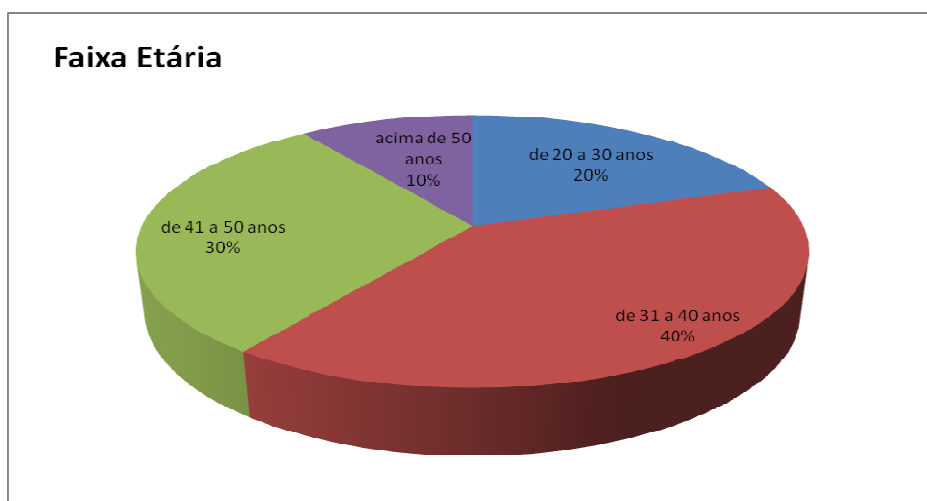


Gráfico 5 – Faixa Etária.

Capítulo 3 - Crianças e computadores: desvelando um cenário no âmbito da Educação Infantil no Distrito Federal

Os professores que atuam na Educação Infantil no Distrito Federal, além de serem polivalentes em sua função, dedicam-se integralmente às crianças em sala de aula. Tudo é muito dinâmico e rápido. Se ausentar por alguns minutos sem ter um auxiliar de classe é um risco que ninguém quer correr. Por isso as entrevistas foram agendadas no horário da coordenação pedagógica.

Cada entrevista foi um processo de conquista. Os esclarecimentos sobre a pesquisa, as trocas de experiências sobre a Educação Infantil ajudaram-me a tornar a entrevista uma experiência humana. Os entrevistados falaram de seus medos, anseios e certezas com propriedade.

Assim que comecei a fazer contato com as regionais de ensino para verificar quais escolas possuíam laboratório ou faziam uso do computador em suas práticas e rotinas, as pessoas se assustavam e me perguntavam se as escolas que procurava não seriam as do Ensino Fundamental. Mesmo confirmando meu interesse pelas escolas de Educação Infantil, ouvi diversas vezes reações de surpresa. Afinal, por que crianças tão pequenas fariam uso de computador com tanto serviço a ser desenvolvido?

Não me espantei ao verificar que são poucas as escolas que atendem ao critério da pesquisa. Na regional do Plano Piloto/Cruzeiro, das 32 escolas de Educação Infantil, somente três possuem laboratórios de informática. Na regional de Santa Maria, das oito escolas de Educação Infantil, somente três usam computadores nas suas práticas educativas. As visitas aconteceram em seis escolas das regionais de ensino do Plano Piloto/Cruzeiro e de Santa Maria ao longo de cinco meses. A maior dificuldade encontrada foi para agendar as entrevistas, devido aos passeios escolares e outras rotinas da educação infantil.

Nessas regionais, encontrei escolas com laboratórios fechados, cujo desejo da direção era presenciar seu funcionamento. Escolas onde as crianças participam de aulas nos laboratórios de informática, mas o professor fica distante

e não participa do planejamento e das rotinas, deixando este momento de aprendizado nas mãos do “professor de informática” e escolas que mesmo sem ter laboratório de informática em sua estrutura, integraram em seu projeto pedagógico o uso do computador no cotidiano das crianças, com projetos inovadores, usando muitas vezes o notebook do professor para a realização de projetos e aproximar as crianças e os pais das tecnologias.

Na pesquisa de campo, encontrei escolas com laboratórios fechados, embora a direção desejasse vê-los funcionando; escolas em que o professor fica distante e não participa do planejamento e da rotina das aulas do laboratório de informática, deixando este momento de aprendizado nas mãos do “professor de informática”; e escolas que, mesmo sem ter laboratório de informática em sua estrutura, integraram em seu projeto pedagógico o uso do computador no cotidiano das crianças, com projetos inovadores, usando muitas vezes o notebook do professor.

3.1 Dinamicidade do trabalho pedagógico: as rotinas na Educação Infantil

A Educação Infantil é um campo visto como um espaço de aprendizagens sociais. Daí surgem as rotinas como categoria pedagógica, cuja intenção é estruturar o trabalho cotidiano na Educação Infantil. É importante diferenciar os termos “rotina” e “cotidiano”, tão usados ao longo deste trabalho e que aparecem nas falas dos professores, por ocasião da pergunta inicial das entrevistas realizadas. Segundo Barbosa (2006), a rotina é um produto cultural, criado e reproduzido no dia a dia. Atividades como cozinhar, estudar, dormir são costumeiras e desenvolvidas em um espaço/tempo social definido. Aprendemos essas ações com o tempo e com elas aprendemos também modos de organizar a vida. Já o cotidiano refere-se a um espaço/tempo fundamental para a vida humana, pois é nele que acontecem as atividades rotineiras. Pais (1986, p. 10) afirma que o cotidiano é “o cruzamento de múltiplas diáleticas entre o rotineiro e o acontecimento.” O autor ainda afirma que não se pode reduzir o cotidiano ao rotineiro, ao repetitivo ou ao “a-histórico”. A partir desta definição, a rotina pode ser considerada como parte integrante do cotidiano. Contudo, é fundamental que,

na Educação Infantil, os responsáveis deixem uma margem de movimento nas rotinas infantis, para que as crianças não sejam impedidas de se tornarem conscientes da realidade social que as cercam.

A rotina foi o primeiro tema a ser questionado nas entrevistas realizadas. A pergunta “Como é a rotina na classe em que leciona?” tem por objetivo verificar se as rotinas propostas para a Educação Infantil possuem a mobilidade almejada para a inclusão do uso do computador. A pergunta feita às professoras deixou-as pensativas num primeiro momento, levando-as a refletir sobre suas práticas.

No contexto mais geral, as rotinas descritas pelos professores concentram-se no ato de receber/acolher as crianças, na contação de histórias e em rotinas que envolvem a organização do espaço da sala de aula. Para a professora “1”, rotina representa:

Tirar a agenda, porque na Educação Infantil o objetivo maior é trabalhar a independência e a autonomia da criança, né? Então eles entram em sala, nos temos a rodinha, sentam, eles tiram a toalha, estendem no varalzinho, tira a agenda e põe em cima da agenda do professor, senta, quem trás a pantalhinha tira o tênis, calça a pantalhinha e guarda o tênis. Então diariamente, esse é o primeiro momento. (Entrevista n. 1)

É um pouco incoerente falar de autonomia se não há a participação das crianças ao longo do processo de construção de sua própria rotina. Longe de ser um momento de repetição dos atos do cotidiano, possibilitar à criança participar desta construção é mostrar o significado de se fazer escolhas, tendo em vista que, ao longo da vida, decisões deverão ser tomadas o tempo todo. Barbosa (2006, p. 56) afirma que “não apenas temos um corpo; nós somos um corpo e, ao longo da vida, aprendemos a produzi-lo.” Nas entrevistas, a forma como a rotina das crianças é tratada nos mostra que há uma excessiva privatização do corpo. As crianças são tratadas como pessoas que ainda não sabem lidar com o corpo. De fato, não podemos esquecer que as crianças da Educação Infantil estão em uma fase plena, em que o corpo está em desenvolvimento. A professora “3” nos relata que,

Como alguns chegam muito atrasados, a grande maioria. Eles chegam, pegam revistinhas, vão sentando, vão lendo e esperando os coleguinhos chegarem, daí nós, fazemos rodinha, batendo um papo. Nessa rodinha a gente explora o nome da criança (...)
(Entrevista n. 3)

O relato acima faz refletir sobre a maneira como vemos o mundo. Muitas vezes, levantar de manhã, tomar café, sair rápido para não se atrasar, chegar à escola, ver os estudantes, dar a aula tornam-se hábitos tão banais que nos acostumamos a cada um deles. Acostumamo-nos de tal forma que deixamos de ver a beleza que cerca nossa existência enquanto pessoa, cidadão e profissional.

Quando a rotina é focada somente na instrumentalização, sem ter um objetivo claro das ações, é mais simples formar um cidadão desprovido de conhecimento técnico. A criança passa a ser então um mero executor de tarefas simples, aprendendo a sobreviver em um sistema mecanizado e hierarquizado, somente obedecendo a ordens, não tendo a menor ideia, tampouco a possibilidade de saber por que todos os dias tem de tirar a agenda da mochila e por na mesa do professor, ou por que tem de ficar com o sapato quando o seu desejo é de sentir o pé descalço. Afinal, por que e para que essas tarefas existem? Qual ensinamento está por trás disso?

É importante ressaltar que, neste espaço de convivência, as pessoas interagem e compartilham seus desejos e anseios. As regras de convivência fazem parte da rotina e os professores podem contribuir para que estas regras sejam respeitadas e construídas. O professor para chegar a tal ponto precisa estar certo de seu papel. Para Freire (2003, p. 59), “ser tolerante não é ser conivente com o intolerável, não é acobertar o desrespeito, não é amaciar o agressor, disfarçá-lo. A tolerância é a virtude que nos ensina a conviver com o diferente, a aprender com o diferente, a respeitar o diferente”. E o espaço escolar nos convida a sermos amorosos e não indiferentes. Mesmo o trabalho com crianças deve ser visto com responsabilidade e os momentos planejados devem servir como intervenção no espaço, criando vínculos que motivem a aprendizagem para além das regras sociais.

Em relação ao professor, é importante destacar que um dos desafios enfrentados ultimamente tem sido a renovação imediata (e, muitas vezes, sem sentido) de sua prática, mediante as mais recentes tendências e metodologias pedagógicas.

Os seres humanos, diferentemente dos demais animais, possuem a capacidade de pensar, atuar e criar situações no cotidiano. A esta capacidade de ação pensada deu-se o nome de práxis. Segundo Vásquez (1977, p. 4),

Práxis, em grego antigo, significa ação para levar a cabo algo, mas uma ação que tem seu fim em si mesma e que não cria ou produz um objeto alheio ou agente à sua atividade. Neste sentido, a ação moral – da mesma maneira que qualquer tipo de ação que não engendre nada fora de si mesma – é, como diz Aristóteles, práxis; pela mesma razão, a atividade do artesão que produz algo que chega existir fora do agente de seus atos não é práxis. A esse tipo de ação que cria um objeto exterior ao sujeito e a seus atos se chama em grego (...) *poiésis*, que significa literalmente produção ou fabricação, ou seja, ato de produzir ou fabricar algo.

Dentro do pensamento de Vasquez (1977, p. 246-248), dois conceitos de práxis podem ser levantados. Um primeiro conceito se remete à práxis como ação que originará uma ação posterior que, por ser automática, não criará nem produzirá algo. Na verdade, ela acontece por acontecer, porque tem de ser feito e pronto. Não há uma razão de ser e nem de existir. A outra ideia de práxis se refere a uma ação mais “poética”, em que a ação tem razão de ser e existir. A ação dentro deste pensamento é produzida de forma única, com as características do educador (em parceria com os educandos). A prática é pensada e refletida de forma a não produzir respostas prontas, mas abre a possibilidade de construir uma ação nova que refletirá positivamente no cotidiano escolar. Vásquez (1977, p. 185) ainda alerta que “toda práxis é atividade, mas nem toda atividade é práxis”, ou seja, uma atividade que se alimenta de práxis é transformadora e motivadora.

A práxis não se limita somente a aplicações de atividade, mas em como essas atividades podem fazer diferença na vida tanto de educandos quanto de educadores. A práxis é ilimitada, faz com que o professor pense sobre suas ações e a tornem únicas.

Pimenta (2005 apud VALADARES, p. 193) diz que,

No campo escolar, as ações dos professores coadunam-se com a construção permanente do saber-fazer, tendo como referência as necessidades e desafios que o ensino como prática social lhes coloca no dia a dia.

Partindo desta ideia, cabe ressaltar que o espaço da Educação Infantil concede dinamicidade às práticas educativas quando propicia experiências diversas às crianças, estabelecendo relações entre o que é experimentado e levando em consideração as particularidades da criança.

3.2 Situações do uso do computador na Educação Infantil

De acordo com os relatos dos professores que atuam na Educação Infantil, o uso do computador com as crianças é um recurso interessante, mas a insegurança em relação ao uso dos computadores é um sentimento constante.

Os professores têm experimentado uma incerteza em sua prática diária que tem prejudicado suas ações. De acordo com Freitas (2005, p. 3), existem duas posições de incertezas que são enfrentadas atualmente:

(...) uma delas tenta nos convencer de que as incertezas que estamos vivendo são um fenômeno novo, ao qual devemos nos acostumar e, mais do que isso, para qual devemos nos preparar. Teriam vindo para ficar e representariam, por si, uma nova visão de mundo, de sociedade e de ciência, que está se concretizando agora. A outra posição, diferentemente, entende que as incertezas são geradas pelas condições materiais e espirituais do próprio desenvolvimento das contradições do sistema capitalista mundial.

Dito de outra forma, o professor vai para a sala de aula, conformando-se com a sua situação, com a da escola e com a do educando. Acreditando que não é possível fazer a diferença no contexto atual.

Se o educador pauta suas práticas somente nas regras morais aprendidas na sociedade e aplicadas na escola, a sua metodologia pode tornar-se fechada. Não há espaço para a criação, por medo de se quebrar uma regra moral

apreendida. É o mesmo que acreditar que a criança irá aprender somente ao ter acesso ao computador ou manuseando um livro didático.

Libâneo (1992, p. 64) afirma que:

Muitos professores ainda acham que 'partir do concreto' é a chave do ensino atualizado. Mas esta ideia já fazia parte da Pedagogia Tradicional porque o 'concreto' (mostrar objetos, ilustrações, gravuras, etc.) serve apenas para gravar na mente o que é captado pelos sentidos. O material concreto é mostrado, demonstrado, manipulado, mas o aluno não lida mentalmente com ele, não o repensa, não o reelabora com o seu próprio pensamento. A aprendizagem, assim, continua receptiva, automática, não mobilizando a atividade mental do aluno e o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais.

Diante disso, a utilização do computador na Educação Infantil precisa ser refletida, de forma a indicar alguns caminhos de um uso inovador, partindo de onde o estudante está. Fazendo conexão do ensino com a vida da criança. Assim, o som, a imagem, a experiência, a representação, as multimídias terão um sentido (MORAN, MASETTO, & BEHRENS, 2000). Dessa forma, o aprender não fica limitado a espaços. Pelo contrário, aprender torna-se ilimitado. Um olhar, uma sugestão, um problema, todos esses fatores podem, em algum momento, se tornar objeto de estudo. O preparo do professor também é importante, pois é neste instante que se percebe que aprender não tem limites.

Nas entrevistas realizadas nesta investigação, os professores relataram que o computador pode ser utilizado em situações de apoio ao ensino,

Praticamente em todos os momentos, não só dentro dessa sala. Eu só não uso o computador no pátio. Acho que eu não sinto confiança em usar o computador por causa do trânsito de crianças. Mas nas aulas de "psicomotricidade" nós temos um aparelho que projeta imagem. Então a gente vai colocando vídeos onde eles reproduzem os movimentos. Vários brilhos também. (...) A gente montou, nós identificamos com setinhas a parte em que os brilhos caem. As falas deles com o uso do computador porque é uma brincadeira livre, mas, agente trazia teclados com computadores antigos para as crianças brincarem na sala. Alguns até doaram alguns para escola, então eles tinha a possibilidade de brincar com esses recursos na brinquedoteca. E na sala de leitura, com o uso da Internet, quando a gente não faz as dramatizações, eu uso as dramatizações da Internet e passo pra eles. O

computador, quando está em sala de aula, fica ligado o tempo todo. Quando eu quero que as crianças contem uma história, eu digito no computador na presença delas. Quando a gente vai terminar a atividades deles e as dos colegas, o computador tem a proteção de tela que fica passando vários livros o abecedário, e eles sentam lá e ficam observando o que passa na tela: o abecedário, os números (...) Eles podem de vez em quando mexer no computador também para escrever palavras. Normalmente, quando a Internet funciona, eu entro em alguns sites da Internet procurando atividades diferenciadas. Então, eles me vêm entrando na Internet e buscando atividades lá. Buscando algum vídeo na Internet para mostrar pra eles depois. Eles sentam no chão e quanto a gente passa o vídeo com animais eles visualizaram uma leoa cassando uma zebra e a zebra fugindo da leoa, eles também visualizaram o tatu cavando a própria casa para fugir dos predadores, eles visualizaram uma cigarra, a metamorfose das cigarras, a metamorfose da borboleta ao vivo (alguém gravou) e eles viram isso (...) Como é dentro de um formigueiro. O computador pra mim também é importante para elaborar o planejamento (...) Eu faço o planejamento e eu tenho aquela lista pronta. Então cada criança, a medida que vão desenvolvendo as atividades eu vou colocando o que eles estão fazendo em sala. Por exemplo: se ela conseguiu vivenciar, aprender e se ela conseguiu desempenhar. Depois eu faço o levantamento das informações. Eu pego a informação do que a criança não conseguiu fazer e vou bolar outra atividade que ela tenha que repetir aquilo pra ver se ela consegue. E também para saber rendimento da turma. (Entrevista n. 20)

Ano passado eu fiz uma aula diferente, trouxe meu notebook, pois aqui não temos acesso ao computador. Preparei uma aula sobre jogos esportivos, aproveitando as olimpíadas, deixei as crianças manusearem com muito cuidado porque é um equipamento muito sensível. Então, a turma do ano passado teve este contato que eu considero fraco (...) Este ano ainda não tive nenhum momento de disponibilizar o computador pra eles, visto que já estou pensando nisso, pois este ano estou com turmas de cinco e o ano passado estava com turma de quatro. Então, acho que eu os vejo um pouquinho mais maduros porque tem um entendimento maior e melhor sobre o equipamento. Amo computador, adoro Internet, tenho na minha casa e não faço questão nenhuma de não ter porque acho que é uma máquina especial pra gente, pra minha profissão e até para o meu uso individual. (Entrevista n. 11)

O principal uso do computador que eu faço com eles é quando por exemplo: agora a gente ta trabalhando com Leonardo Da Vince, então, eu tenho apresentado para eles algumas obras deste autor. Como eu não tenho como levá-los ao museu, não tenho esse tipo de acesso, eu trago para eles. Ou eu mostro na sala ou projeto no data show. O ano passado a gente mostrou também algumas coisas. As coisas que a gente não consegue de uma outra forma usamos também o computador. (Entrevista n.17)

Eu uso, pra preparar o material deles. Para [pausa] eu usei muito para fazer a imagem deles, na época eu os fotografei, para associar a imagem ao nome, pra fazer as letrinhas do nome. Ajuda demais. (Entrevista n. 4)

Mais que um simples recurso didático, o computador pode ser uma ferramenta importante nas descobertas que cercam as crianças. Os professores procuraram cada uma, à sua maneira, fazer uso do computador de forma diferenciada incluindo as crianças no processo, apesar da simplicidade de seus atos, caminhando além do uso técnico.

Para os professores a seguir, a utilização do computador no contexto da pesquisa de conteúdos ou materiais que complementem as aulas foi a segunda situação de uso revelada. Elas contam que:

Eu utilizo o meu computador para pesquisa. Eu pesquiso conteúdos para trabalhar. Trabalhei muito com o computador porque estava trabalhando com projetos, então usei muito para pesquisa. Quando vou elaborar minhas atividades eu utilizo meu computador também para scanear a atividade ou pego na Internet alguma coisa que vá me servir ou pego algumas coisas e monto de acordo com a minha necessidade. (Entrevista n. 14)

Sim. Para pesquisa. Como eu leciono para o primeiro período então nós não usamos atividades xerocadas. O que a gente faz em papel é cartolina, colagem, pintura com plástico, colagem colorida, colagem com pedaço de papel. Atividade xerocada ainda não estamos usando por enquanto. E computador, a gente olha para a sugestão deste tipo de atividade para aplicar com crianças de quatro anos. (Entrevista n. 16)

Só quando a gente vai fazer alguma pesquisa de algum tema que estamos trabalhando ou para elaborar algum material para usar em sala de aula. (Entrevista n. 19)

Há alguns anos, os professores buscavam os materiais de apoio nos livros didáticos ou coleções especializadas em atividades de prontidão. Agora o uso do computador como apoio ao planejamento ficou evidente na fala dos professores:

Como professor, uso computador em casa para planejar a minha atividade no dia a dia, preparar atividades e comunicar de uma maneira geral com as pessoas quando me interessa por e-mail, Orkut e por aí vai. (Entrevista n. 6)

Eu uso também para fazer o plano de aula. Tenho pastas de plano de aula, faço relatórios de alunos. O computador viabiliza o meu serviço, tanto na questão de conhecimento, quanto técnico e prático. (Entrevista n. 11)

Tais atitudes refletem a realidade de uma parcela significativa dos professores. No cotidiano escolar, percebe-se ainda o temor em enfrentar a informatização que se estende e atinge a vida das pessoas. Diante das muitas teorias educacionais que tem feito parte do contexto escolar², muitos ainda se sentem inseguros de transgredir o que já está dando certo há tantos anos.

Para Zagury (2006, p. 234), a resposta a esta insegurança é simples:

(...) Porque profissionais que não acreditam realmente em numa ideia acabam fazendo o que julgam o mais adequado – ou o possível, dentro do contexto. É como se pensassem: ‘melhor fazer bem o que sei ou o que consigo, do que mal o que sei fazer.

E fazer o possível significa oferecer às crianças o que é palpável dentro do currículo para a Educação Infantil. Aprender a compreender o nome por meio de cartazes é mais simples que usar o computador como auxílio nesta tarefa. Não estou aqui, contudo, afirmando que o uso do computador trará respostas às inseguranças que cercam o professor desta modalidade, mas, se bem utilizado e pensado, o computador pode, sim, auxiliar o professor em tarefas no contexto da sala de aula sem, no entanto, ficar preso ao laboratório de informática.

Freire (2003, p. 39) nos alerta:

A questão que se coloca não é, de um lado, negar o medo, mesmo quando o perigo que o gera é fictício. O medo, porém, em si é concreto. A questão que se apresenta é não permitir que o medo facilmente nos paralise ou nos persuada de desistir de enfrentar a situação desafiante sem luta e sem esforço.

O problema não é ter e assumir o medo, mas ficar paralisado por causa dele. O simples fato de admitir o medo de fazer uso do computador no contexto

² Meu receio é que muitos professores vivam como reféns das teorias pedagógicas da atualidade e do acaso e pensem que inovar signifique estar limitado/preso somente a discursos ou mudanças físicas que satisfaçam “os olhos” dos clientes que buscam o serviço escolar (...).

da Educação Infantil mostra uma abertura para a reflexão ao tema, pois mesmo não fazendo uso, estas mesmos professores relataram ser importante o contato da criança com o computador.

Se o contato das crianças com o computador é importante, inserir os pais nesse processo é outra ação essencial. Os professores entrevistadas relataram o uso de blogs como apoio aos pais. Segundo o relato,

Outra coisa que eu faço é um blog, em que eu coloco fotos das crianças e as atividades para os pais acompanharem o que está sendo feito em sala de aula. Então, os pais entram no blog, deixam comentários, veem o que foi feito. De certa forma, é como se eles pudessem partilhar daquele momento em sala de aula. Embora eles não estejam lá, podem ver como foi feito, porque normalmente eles veem só o produto final: a atividade, ou alguma coisa assim, as fotos que eu tenho tirado. Então é um meio deles verem o processo. No ano passado coloquei alguns vídeos para eles verem e acompanhar o que estava sendo feito em sala de aula. (Entrevista n. 17)

Outra professora disse que, no ano passado, os professores fizeram um curso, montaram uma página HP, uma web e montaram um blog para a escola postar todos os eventos.

Os demais professores relataram que utilizam o computador para preparar materiais e outras atividades. Eles contaram que,

Só eu que uso computador para preparar o material deles. Eu usei muito para fazer a imagem deles; na época eu fotografei eles para associar a imagem ao nome e para fazer as letrinhas do nome. Ajuda demais. (Entrevista n. 4)

Sim. Faço para fazer trabalhos com os nomes dos alunos. Isso ajuda muito nosso trabalho. Eu uso demais. (Entrevista n. 5)

Eu faço uso do computador somente em casa. Não uso em sala de aula, as crianças não tem nenhum contato com o computador aqui na escola. Nem a gente não tem contato com o computador na escola. Eu faço uso do computador na minha casa para uso pessoal: e-mail, pesquisa. Mas não uso no local de trabalho. (Entrevista n. 10)

Só em casa. Com os alunos não. Só na minha casa, buscando alguma coisa, música, atividades, etc. (Entrevista n. 13)

Os professores precisam desejar construir seus sonhos e anseios. Não é possível construir sonhos dos outros e pelos outros. Cabe aos educadores, em primeiro lugar, desejar buscar alternativas para recriar sua prática. Algumas (in)verdades como “bom professor é o que reprova” ou “bom mesmo é aquele professor que enche as crianças com atividades, que sabe tudo” são difundidas e aceitas com tanta facilidade que acreditamos sermos incapazes de mudar a realidade educacional e a nós mesmos. Para superar essas incompreensões, é preciso conhecer, refletir, nas esferas política, social e histórica, a respeito do significado de ser humano como educador.

Outro desafio que os professores enfrentam em seu cotidiano é propor ações diferenciadas relacionadas ao uso dos computadores na prática educativa. Entretanto, esse diferencial não quer dizer em trazer para a sala de aula um picadeiro e fazer da aula um show de entretenimento. O objetivo é que tantos estudantes quanto professores sejam capazes de ser construtores de seus conhecimentos, sistematizando os saberes e repensando de modo significativo suas práticas.

Para Freire (2003, p. 47),

A prática educativa, pelo contrário, é algo muito sério. Lidamos com gente, com crianças, adolescentes ou adultos. Participamos de sua formação. Ajudamo-los ou os prejudicamos nesta busca. Estamos intrinsecamente a eles ligados no seu processo de conhecimento. Podemos concorrer com nossa incompetência, má preparação, irresponsabilidade, para o seu fracasso. Mas podemos, também, com nossa responsabilidade, preparo científico e gosto do ensino, com nossa seriedade e testemunho de luta contra as injustiças, contribuir para que os educandos vão-se tornando presenças marcantes no mundo.

Para que nossos estudantes e professores se tornem sujeitos ativos, críticos, em um mundo cada vez mais digital, é preciso que eles tenham não somente acesso ao uso de computador e outras tecnologias, mas que possam produzir, se comunicar e expressar tendo o computador como aliado.

A partir dos relatos dos professores, verificou-se que as situações de uso do computador giram em torno do apoio ao planejamento das atividades, como apoio ao ensino, à pesquisa de materiais e recursos a serem utilizados em sala

de aula, e a inserção dos pais no contexto escolar, com o objetivo de acompanhar todo o processo de ensino e aprendizagem. Essas situações de uso do computador na Educação Infantil ainda estão distantes de uma educação para as mídias, quando a criança poderá desenvolver seu olhar crítico em relação ao uso das tecnologias.

3.3 Posturas docentes sobre o uso do computador na Educação Infantil

Em relação à postura dos docentes quanto ao uso do computador na Educação Infantil, podemos identificar um distanciamento por razões pessoais e também por desconhecimento técnico. Uma das professoras admitiu não fazer uso do computador por ser leiga mesmo, tendo até mesmo disponível a sala de informática, mas sem nunca utilizá-la.

Outra professora disse:

(...) tenho um pouco de dificuldade de usar o computador (...) Totalmente. Trabalhei três anos em secretaria e só agora aprendi a fazer alguns exercícios que antes fazia tudo à mão. (Entrevista n. 18)

Os professores são constantemente cobrados, desafiados e provocados na função que exercem. A provocação produz ação. Durante as visitas realizadas e as conversas com os educadores, foi possível notar a falta de provocação para com os professores. Antes de conversar sobre as posturas docentes quanto ao uso do computador na Educação Infantil, é preciso deixar claro que falta provocação a esses professores, cuja vida docente é bombardeada com cursos de formação continuada e outras ferramentas pedagógicas, que chegam até com boas intenções, mas carregadas de cobranças. Precisamos lembrar que “para aprender e ensinar é necessário desejar. Termômetro de vida é o desejo, a constatação da falta. O desejo nos mantém despertos, acesos na busca do que nos falta. E sempre nos falta (...)” (FREIRE, 2008, p. 68). Assim, torna-se interessante investigar o que falta ao professor em sua própria postura em relação ao uso do computador pelas crianças.

É interessante perceber que mesmo com uma dicotomia clara em relação às situações de uso do computador na Educação Infantil, os professores possuem uma posição de aceitação em relação ao uso do computador pelas crianças da Educação Infantil.

Outra postura identificada é a de reconhecimento da importância do uso do computador na Educação Infantil. Para os professores, o uso do computador pelas crianças é um recurso importante e interessante para a aprendizagem, eles acreditam que,

Tem de usar. Da mesma forma que eles tem tido contato com livros, com brinquedos, com diversos brinquedos, o computador faz parte da vida da criança. Talvez não nos ambientes infantis e para mostrar e para deixá-los usar o computador solto. O que eu acho é que como é ambiente com crianças e um professor só, talvez ele não consiga corretamente ensiná-la. E na verdade é uma forma deles estarem [pausa]. É um tipo de tecnologia. A nossa dificuldade hoje sobrevive modificando a própria tecnologia. Isso eu já fiz por eles. Eu acho que o computador hoje tem que ter uma recepção para criança. E cada aprendizagem meche muito com a organização cerebral delas. Eles ficam fascinados quando eles passam o dedinho na tecla e eles vêem aparecer à letra na tela. Eu acho que uma das funções da educadora infantil é fazer essa vivencia. Algum dia eles vão se perguntar muita coisa sobre os computadores. De repente eles vão decidir posteriormente por uma profissão que lida com isso. Da mesma forma como eu acho que eles devem trabalhar todas as áreas do conhecimento humano, a tecnologia também. Na verdade a tecnologia é um conhecimento humano. Eu trabalho nisso mais porque eu sou bióloga. Alguém trabalhou isso comigo quando eu era criança. Eu falo pros meninos quando eu falo para eles desenhar o que eles vão ser daqui algum tempo: eu vou ser telefonista (...) Porque eu não passo numa UNB, de repente eu posso me tornar engenheiro eletrônico, ou engenheiro como aconteceu com Oscar Niemeyer que para ter todos aqueles projetos com aquelas curvas todas, ele teve que fazer um serviço danado. Então a informática é mais que o futuro. Eu acho que é importante sim. É uma ferramenta que a gente tem para auxiliar a criança no seu desenvolvimento. (Entrevista n. 20)

Eles são muito interessados em computador. Eu falo pelos meus filhos. As crianças daqui falam do computador, mas eles não têm acesso. Os meus filhos gostam muito, estão nessa idade e são gêmeos. Eles têm quatro anos. E eles são apaixonados. Tanto que eles aprenderam o alfabeto sozinhos no computador. Então eu acho que é um incentivo valioso. Poderia comprar para os alunos o laptop para eles estarem brincando. Seria um brinquedo

interessante da gente ter na sala. Não um computador propriamente. Porque uma sala de informática sai muito cara. Aí depende de recurso (...) Mas acho que é um sonho ter uma sala de informática. (Entrevista n. 18)

Do que eles comentam comigo, até quando eu levo o notebook, quando a gente usa o data show, eles comentam que o tio tem computador, minha mãe tem (...) Mas o relato em geral não é de que eles usem. De modo geral o relato é de que algum adulto tenha ou o irmão mais velho. Mas, mesmo esses que tem, eles não manuseiam, não manipulam. Aqui na escola não tem um laboratório de informática, não tem um local organizado pra eles. Eu acredito que a questão não é o computador em si, é a mediação que é feita. Então, independente deles terem quatro, cinco, vinte, trinta, cinquenta anos, a mediação que é feita dessa utilização que é importante. Assim como na televisão, o problema não é a televisão, é a mediação que é feita em relação ao que eles assistem, as escolhas que eles podem fazer, aos programas que são veiculados, as intenções por trás dos programas, essas outras questões. (Entrevista n. 17)

Não podemos esquecer que esta geração veio ao mundo em meio à democratização do acesso ao computador e à Internet. Para as crianças os desafios são outros e extrapolam o uso técnico do computador. É preciso tecer uma reflexão sobre o significado de interação, compartilhamento de arquivos, uso e divulgação de imagens ou de fotos pessoais, produção de materiais de áudio, vídeos ou blogs na coletividade,

Nogueira (1998, p. 110) nos recorda que:

O computador está na escola, mas está também na casa dos pais, tios, primos, amigos; no trabalho de pais ou parentes. E, nesses lugares, ele não é só de criança, objeto escolar; mas é objeto-de-gente-de-todas-as-idades. Objeto como são roupas, os sapatos, a maquiagem, a máquina de escrever, de calcular, as panelas, os copos e os talheres. Utilitários do cotidiano que, nas mãos das crianças, transformam-se em vestidos de baile, sapatos de cristal, máquinas futurísticas, tambor, piano, ou que mais a imaginação permitir. (...) Com o computador não é diferente: a criança apropria-se da tecnologia pertencente ao mundo profissional adulto, transforma-a em brinquedo, aparelho-jogo, máquina lúdica, decretando a renovação de sua existência.

Antes de ser uma frase profética, não podemos esquecer que esta infância cresce cada vez mais conectada. Mesmo sem o acesso formal, os professores

reconhecem nas crianças uma superioridade em relação ao manuseio das tecnologias.

O encanto dos adultos pelas habilidades infantis mostra um panorama diferente. Se antes era o professor quem ensinava, agora é ele quem aprende com as crianças. A figura do professor inquestionável, dono do saber e explicador tornou-se a figura principal no contexto escolar e a sociedade contribuiu para esta apropriação. Os estudantes passam então a depender da palavra do professor para compreender o mundo que os cerca, por meio de explicações. O mundo atual busca por resultados quantitativos. Os resultados têm de ser rápidos e, muitas vezes, valem mais do que qualquer experiência de vida. Para Freire, “a ideologia tradicional é tão poderosa que precisamos de êxitos para sentir que estamos certos, sobretudo os jovens professores” (FREIRE; SHOR, 1986, p. 38). O resultado desse estado explicador parece contaminar todo o cotidiano dos professores, resultando numa prática inerte e desconexa do mundo. Segundo Freire (2005, p. 67), “o educador que aliena a ignorância se mantém em posições fixas, invariáveis. Será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem. A rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processos de busca”. Dessa forma, o professor que atua na Educação Infantil tem uma tarefa muito especial pela frente: refletir sobre sua formação e buscar formas de se aperfeiçoar, exigindo as iniciativas do estado se for necessário. É preciso estar consciente que seu papel não é o de embrutecer as pessoas, mas mostrar possibilidades de aprender, pontuando ações que façam a diferença na vida de cada criança.

Outra postura evidente nas falas dos professores é a preocupação de as crianças usarem o computador desacompanhadas de um adulto, por medo da ação de pedófilos. De acordo com alguns relatos, os adultos precisam acompanhar as crianças nas visitas aos laboratórios,

(...) é importante porque tem muitos joguinhos voltados para alfabetização, é um bloco alfabetizador, que ele vai ter contato com toda essa questão, vai estar exercitando a memória dele, nossa!, a atenção, o conhecimento. Eu acho que é muito importante. Desde que o acesso dele ao computador seja monitorado por um adulto. Controlado por um adulto. Eu não acho

que a criança não deve ir, porque ali é um campo também minado. Eu acho que tem que ter cuidado. [outra professora pede a palavra e fala] o computador hoje, por exemplo, como é comandado por pessoas, porque usa muito de uma linguagem própria, né da pessoa que mexe com Internet, por exemplo (...) quando usa abreviado? Numa mensagem, entendeu? Professora 2 responde: Ai você não acha positivo, o messenger, por exemplo. [outra professora continua sua fala] É MSN, mensagem é fds – fim de semana- entendeu? São essas coisinhas, que eu acho que a própria criança, se não for monitorada, vai passar a usar isso dentro da escola (...) Professora 2 responde: Para essa idade, que está se alfabetizando. [a outra professora continua] Pode repercutir negativamente, influenciado pela Internet. (Entrevista n. 2)

Eu acho bom. Só que precisa ter um adulto por perto, pois se for jogo fora da Internet, dependendo do jogo, não tem problema a criança ficar sozinho. Mas se for jogos mais na Internet tem que ter cuidado com o tipo de jogo que a criança está jogando por causa dessa rede de sexualidade que tem na Internet. É muito perigoso para as crianças. Mas acho que ajuda no desenvolvimento delas, as crianças ficam mais atentas com o que você está dizendo, no que você está explicando. Ela tem sempre o que acrescentar no que você está explicando naquele dia. (Entrevista n. 16)

Cabe ressaltar que este é um tema pouco debatido com os professores, que, sem orientação adequada, acabam não utilizando o computador conectado à Internet, tampouco orientando os pais.

A postura condicional do uso dos computadores na fala dos professores foi algo que chamou atenção. Para os professores,

Seria ótimo se tivesse, se eles fizessem uso na sala. Só que aqui a gente não tem sala de informática e eles não tem acesso. Então a gente não desenvolve um trabalho diretamente com eles com o computador. Mas seria ótimo, porque ajudaria até mesmo a (...) Muitos tem computador em casa, mas eles usam em casa para jogos para ver algumas histórias. Mas aqui na escola a gente não tem acesso. Mas seria bom, seria mais um recurso. Hoje em dia está quase impossível você não fazer uso dele. E precisa realmente do computador. (Entrevista n. 19)

Seria interessante pela questão da “psicomotricidade”, o uso do mouse ajuda bastante nisso, e tem também algumas atividades que a gente não consegue inserir em sala que o computador traria. Por exemplo: atividades tridimensionais (...) Coisas que a gente tem dificuldades de trazer para a sala de aula. Além disso,

também tem a questão da realidade, em casa eles tem computador e na escola eles não tem contato. (Entrevista n. 13)

Acho que seria riquíssimo. Seria novidade para alguns e para outros não porque já casa e já fazem o uso diário. Mas para muitos seria muito interessante e seria prazeroso se a escola tivesse um laboratório de informática que a gente pudesse levar eles. Acho que seria maravilhoso. (Entrevista n. 15)

Acharia maravilhoso se tivesse. Se tivesse um jeito de fazer, seria muito bom, porque eles iriam aprender muito, procurando as letrinhas no teclado. (Entrevista n. 5)

A fala dos professores é preocupante, pois mostra um universo idealizado e longe da realidade, tendo em vista que entre as escolas visitadas apenas três tinham laboratório de informática, sendo que em uma delas o laboratório estava desativado por falta de professor de informática. Causa um estranhamento ver esses professores, com suas ideias e perspectivas de uso da informática, alimentarem um desconforto, um receio em assumir a aventura de agregar ao seu planejamento o uso do computador. As falas acabam girando em torno do “se fosse possível (...)” ou “seria interessante se (...)”, caindo na armadilha da incerteza, da instabilidade e dos conflitos de seus próprios valores, limitando suas estratégias de ensino a algo que ainda possa acontecer.

Já a postura de esperança de alguns professores mostra as possibilidades de uso do computador como um instrumento estimulante para a aprendizagem das crianças no contexto escolar:

Acho que se fosse possível a gente colocar para as crianças seria maravilhoso, em questão de acesso às informações que eu acho bem dinâmico que tem no computador. Acho que enriqueceria bastante a aula principalmente para eles para ter um contato mais direto, visualizar, o computador oferece isso. Você vai contar uma história e o computador tem todo o aparato, toda aquela coisa que chama muito a atenção. Eu acho que ajudaria bastante. (Entrevista n. 14)

Eu acho que seria extremamente necessário, visto que o mundo hoje se fala muito em globalização que eles precisam ter esse contato. Eles acham que é uma coisa que eu posso usar e que não posso levar pra minha casa, porque muitos deles não têm computador. Mas aí, a partir de um planejamento mais elaborado, a gente pode fazer essas filtragens, esse indexamento na vida

deles. Eles amam e adoram. Eu já venho de escola que tem laboratório de informática que era de uso da primeira à quarta série. E eles amavam fazer produção de texto, faziam cálculos matemáticos, eles mesmos criavam no paint (...) Ou seja, eles têm uma prévia adaptação de tudo que agente colocar para eles. A idade, neste caso, não difere. Tanto faz se de tiver quatro ou seis anos. (Entrevista n. 11)

No meu ponto de vista, vejo que é muito estimulante. Cada vez que eles vem aqui, eles ficam vibrando com o que estão fazendo, pois a atividade é sempre direcionada dentro da proposta de sala de aula e está vinculado com que eu estou fazendo no dia a dia. Então eles falam que estão aprendendo não só manusear o teclado e o mouse, mas também, lidar com o conteúdo da sala. Eles têm, mais ou menos, uma hora e meia por aula, então, dá mais ou menos 7 aulas por ano, pois são 1800 alunos no (...) e temos que atender a todos. No caso atual, a proposta é diferente, seria 4ª e 3ª série, com isso vai diminuir a quantidade de alunos e vai aumentar o número de aula no laboratório. (Entrevista n. 6)

Nessa idade acho que uma criança que nunca teve contato com o computador, por exemplo: minha filha tem quatro anos e já tem contato com o computador há muito tempo. Então ela já domina o uso. Então uma atividade mais voltada para dentro da aprendizagem de alguma coisa funciona mais porque ela já sabe mexer. Mas os alunos daqui, que nunca tiveram contato com um computador, ainda precisam aprender como mexer com o mouse, quais as teclas que apertam, eles não tem noção nenhuma. Então, eles estão jogando, daqui a pouco o jogo some porque apertou alguma tecla que não era para apertar. Então eu acho que é mais uma questão de as crianças terem essa oportunidade de entrar em contato com a tecnologia, porque eles não têm isso em casa. Os que tem em casa já levam isso com mais facilidade. (Entrevista n. 7)

É muito necessário, pois é bastante interessante para incentivar eles. Prende a atenção deles, parecem bem interessados, alguns tem medo, mas parece que é amigo mesmo. Para eles é muito importante o uso do computador. (Entrevista n. 8)

O uso do computador, portanto, é visto como uma possível solução para os problemas a serem enfrentados ou para contribuir nas práticas inovadoras, cobradas o tempo inteiro no planejamento escolar. Neste ínterim, a postura do professor continua a percorrer o caminho, o trajeto que já conhece. Em 2009, o Governo do Distrito Federal facilitou a compra de notebooks para os professores da rede. Dos entrevistados, pouquíssimos levam o computador para a sala de aula. De acordo com Moran (2000, p. 23),

Aprendemos melhor quando vivenciamos, experimentamos, sentimos. Aprendemos quando relacionamos, estabelecemos vínculos, laços, entre o que estava solto, caótico, disperso, integrando-o em um novo contexto, dando-lhe significado, encontrando um novo sentido. Aprendemos quando descobrimos novas dimensões de significação que antes se nos escapavam, quando vamos ampliando o círculo de compreensão do que nos rodeia, quando, como numa cebola, vamos descascando novas camadas que antes permaneciam ocultas à nossa percepção, o que nos faz perceber de uma outra forma. Aprendemos mais quando estabelecemos pontes entre a reflexão e a ação, entre a experiência e a conceituação, entre a teoria e a prática; quando ambas se alimentam mutuamente. (...) Aprendemos quando interagimos com os outros e o mundo e depois, quando interiorizamos, quando nos voltamos para dentro, fazendo nossa própria síntese, nosso reencontro do mundo exterior com a nossa reelaboração pessoal.

Chegou o momento de mostrar aos professores que a Educação Infantil tem um espaço surpreendente para produzir situações de aprendizagens, em que ambos (criança e professor) experimentem, vivenciem, sintam, errem, acertem e descubram as possibilidades de um mundo conectado.

A postura do encantamento docente pelas possibilidades que o uso do computador traz às práticas pedagógicas mostra um professor simplesmente tentando se acostumar a uma sociedade conectada, cujos valores, sonhos tem ganhado um novo formato. O uso do computador conectado à Internet é somente uma das ferramentas que o professor se sente na obrigação de dominar. As crianças estão, de certa forma, instigando este professor a repensar sua postura não somente no contexto escolar, mas enquanto cidadão do mundo que está redefinindo a cada dia o significado de fronteiras.

Na entrevista, os professores compartilharam suas insatisfações e satisfações em relação ao uso do computador. A pergunta foi vista como um desabafo. Os professores revelaram insatisfações que afligem usuários da Internet do mundo inteiro, tais como a pedofilia, a inexperiência em relação ao equipamento e a linguagem da Internet, ou quando erram algum comando que julgam ser simples. Suas falas afirmam que “a maior insatisfação é não saber utilizar o computador com todas suas ferramentas” ou quando “(...) é usado de forma inadequada: pornografia infantil, invasão de privacidade”.

Outros receios também foram compartilhados. Para os professores, a insatisfação é uma barreira no momento em que:

Quando eu erro. Quando eu espero fazer alguma coisa e não consigo eu me perco no percurso ali do que eu quero fazer e ainda tenho que depender do outro e isso me frustra. Isso me deixa muito frustrada. E também quando ele trava. Quando acontece um problema técnico. Não só de operação, mas também um problema técnico, você conta com aquilo e de repente trava tudo. Eu acho que o ser humano é melhor. (Entrevista n. 2)

O que me deixa insatisfeita é minha incompetência. Eu fico insatisfeita quando faço um monte de besteira. Como ontem. Eu terminei clicando em um vírus. Que raiva! O rapaz mandou o e-mail com o nome do contador da nossa empresa, falando sobre tendências de recibos, ai na hora que fiz isso [pausa] ai (...) (Entrevista n. 3)

Esse momento que você está vendo aqui é um momento em que a sala está parada em reforma, porque eu fico de mão atadas. O pessoal vem mexer nas fiações e eu não gosto de ficar parado. (Entrevista n. 6)

Só quando a Internet está lenta, principalmente na época de Internet discada, ou quando quero acessar algum site que está fora do ar, essas coisas que você sabe que daqui a pouco consegue. (...) Quando roubaram meu computador eu fiquei bem insatisfeita. Tive que comprar outro. (Entrevista n. 7)

Somente quando eu não consigo fazer alguma coisa, pois eu nunca fiz um curso de informática e eu fui aprendendo sozinha, autodidata, às vezes tinha coisas que eu não conseguia e ficava com o trabalho parado e no outro dia eu chegava e perguntava para os colegas como fazia. (Entrevista n. 10)

(...) Eu vou dizer uma coisa triste que não aconteceu comigo, mas que acontece com os outros que a gente vê direto: que são os hackers de Internet. Esses sim promovem para que o computador seja visto por algumas pessoas como material irresponsável. Eu tenho uma prima que diz que não quer computador em casa porque só vê ele pelo lado negativo. (Entrevista n. 11)

Os motivos de insatisfação em relação ao uso do computador pelo professor da Educação Infantil mostram um desejo de quebrar a barreira da dificuldade que se instalou ao perceber suas limitações tecnológicas. Não se pode negar que o professor mantém dentro de si um desejo, por vezes contido, de

aprender, de alcançar outros parceiros, formando um entrelaçar de conhecimentos e experiências. É preciso unir o rigor científico à realidade dos professores, de forma que seu papel seja ressignificado. Vale lembrar que no ofício de professor mostrar seus limites aos educandos não o torna uma pessoa menor. As crianças podem ensinar lições preciosas aos adultos. Afinal, são os adultos que estão “crescendo” em meio à geração conectada.

As conquistas dos professores da Educação Infantil que aceitaram o desafio de utilizar o computador em sua prática mostram pessoas que tratam o medo como parte do processo de aprendizagem, da ação, do fazer. A satisfação em lidar com o computador fica evidente quando os professores conseguem fazer ações por vezes tão banais, mas que significam uma vitória pessoal. Os professores sentem satisfação quando:

(...) Olha a situação que me deixa muito satisfeita é eu tirar meu extrato pela Internet [risos] e pagar. Entro quantas vezes eu quero, eu acho que realmente é muito prático fazer pagamento em uma emergência. Não gosto muito de fazer pagamento pela Internet, mas numa emergência eu até faço. (Entrevista n. 1)

Ah! quando eu consigo fazer um trabalho. Quando eu consigo fazer o relatório das crianças [risos]. Quando consigo economizar esse tempo de poder tá colando alguma coisa. Na elaboração de alguns trabalhos. Para mim é importante. (Entrevista n. 2)

(...) Mas, assim, no geral, tem sido de uma utilidade absurda. Fico satisfeita quando ele possibilita essa troca, eu tenho amigas que me mandam coisas e eu mando para elas também e, principalmente, para pesquisa. Porque eu sou meio compulsiva assim nas coisas que faço. Esse negócio do Volpi imagina sem recurso, sem Internet! (Entrevista n. 3)

Satisfeito, acho que eu fico a todo o momento pelo fato de estar fazendo o que eu gosto. Estar aqui arrumando, preparando a atividade, ou quando estou com o aluno que ele se interessa e pede para eu ajudar na atividade eu fico satisfeito e isso me gratifica. E sempre que estou fora que passo pelo corredor, os alunos perguntam qual o dia da aula. Isso mostra que estão interessados me satisfaz em preparar as aulas e estar sempre disponível para atender a turma, então eu não quero excluir um aluno, eu quero sempre incluir mais, mas com esse espaço [do laboratório] aqui é difícil incluir, tem que ser dentro do limite que a coordenação disponibiliza. (Entrevista n. 6)

Satisfeita? Foi na minha sala de aula que eu pude fazer com eles um trabalho. Por exemplo: Quando a gente trabalha em sala de aula gastamos muito papel. E nesse dia eu economizei muito papel. Não que eu não possa gastar, pois eu tenho para gastar, a escola fornece. Mas eu teria gasto muito tempo para poder trabalhar o que eu havia proposto se tivesse utilizado os papéis. E o computador não. Eu fui na minha casa e separei as imagens que eu queria, quando eu colocava o texto eu ampliava as letras para que todos pudessem ler, ou seja, é um multishow, porque ele me deu toda a aula, me viabilizou essa aula que eu queria, para que todos pudessem ver, pudessem chegar e entender de maneira dinâmica, pois a aula tem que ser dinâmica e o computador me forneceu isso. (Entrevista n. 11)

Por vezes, esquecemos que os professores são pessoas que deixam transparecer seus medos, anseios e desejos. Esses professores buscam, a partir do uso do computador, compreender o universo de seus estudantes e o de milhares de pessoas. O objetivo de aproximar o professor do uso do computador não é torná-lo adepto, mas parceiro desta ferramenta. Para a professora sua satisfação é:

(...) Porque ele não é apenas mais uma ferramenta, embora ele facilite bastante o meu trabalho. O que tem me deixado bastante satisfeita também é em relação ao blog, que tem feito essa aproximação entre o trabalho que faço em sala de aula e os pais das crianças. Em relação às crianças, sempre que é necessário qualquer livro diferente que a gente traga, não é só o computador, mas qualquer outra coisa que a gente traga que desperte a curiosidade ou que apresente uma problemática, elas se interessam. Mas em relação aos pais isso é muito interessante, porque eles se aproximaram da sala de aula, que para eles era muito distante, que era a minha sala de aula que era como se fosse outro mundo: lá eu não posso entrar, eu sou pai quem entra lá são meus filhos e na verdade não é. Então, meu blog é onde eles acompanham e participam. Deixam comentários (...) Quem não fica todo prosa de ver o filho na rede. A escola tem um procedimento de pedir autorização no ato da matrícula para disponibilizar as imagens das crianças. Nós queremos nos resguardar nesse sentido. E os pais consentem. (Entrevista n. 17)

Ter o computador como aliado na prática pedagógica requer do professor uma postura comprometida com o outro. A sala de aula sai da limitação física e se torna um suporte na edificação de sua própria posição enquanto cidadão do mundo. De fato, só o uso de blogs ou outras ferramentas da Internet não garante uma revolução pessoal tampouco coletiva. Existe todo um processo de interação,

de conscientização que precisa partir do indivíduo. Não basta comunicar somente aos pais que a escola está fazendo uso de blog ou de redes sociais, é preciso estender e promover momentos de experimentação desses recursos, convidando a comunidade escolar para uma troca mútua, tecendo uma rede de pessoas que compartilham saberes.

Para os educadores, lidar com as questões que os deixam satisfeitos e insatisfeitos em relação ao uso do computador significa sair do seu lugar comum e reagir às provocações de um mundo em constante mudança. Ao compartilhar suas insatisfações, os professores mostram angústias desafiadoras de sua lógica de pensamento. O medo de não fazer feio diante dos estudantes que, em sua opinião, dominam bem o uso do computador e outras tecnologias mostra um professor humano, que não detém todos os saberes, mas que está disposto a crescer e aprender com eles. Todos os entrevistados reconhecem que precisam estar mais inteirados em relação ao uso do computador, sem modismos. Antes de ter uma vida digital, os professores têm procurado, cada um a seu modo, compreender como as tecnologias têm afetado suas vidas fora e dentro do contexto escolar. Não podemos esquecer que, nas escolas, antes de ter computador ou qualquer outra tecnologia, existem pessoas que vivem em comunidade e estão cada vez mais conectadas.

Cabe ao educador, portanto, uma tarefa árdua de interligar os interesses e desejos das crianças nascidas na idade mídia com as possibilidades constituídas ao longo de seu processo educativo. Diante disso, o educador reaprende que não se educa sozinho, mas que há uma via de mão dupla na construção das aprendizagens coletivas.

Portanto,

Ensinar é um processo social (inserido em cada cultura, com suas normas, tradições e leis), mas é um processo profundamente pessoal: cada um de nós desenvolve um estilo, seu caminho, dentro do que está previsto para a maioria. A sociedade ensina. As instituições aprendem e ensinam. Os professores aprendem e ensinam. Sua personalidade e sua competência ajudam mais ou menos. Ensinar depende também de o aluno querer aprender e estar apto a aprender em determinado nível (depende da

maturidade, da motivação e da competência adquiridas).
(MORAN, MASETTO & BEHRENS, 2000, p. 13)

Este momento de encontro entre os professores e os estudantes, no processo de aprender, precisa ser significativo, possibilitando caminhos para integrar as tecnologias ao processo de ensino, mesmo na Educação Infantil, cujas práticas pedagógicas inovadoras, quando bem fundamentadas, ganham um espaço significativo nas práticas dos professores. Quando conquistados, os professores transpõem a barreira das novidades. Resignificar a prática docente requer coragem de assumir uma postura docente diferenciada. A incerteza começa a fazer parte de sua realidade, fazendo com que este profissional saia da zona de conforto e se lance em propostas novas. As falas dos professores mostram mais que satisfações ou insatisfações, mostram pessoas que estão aprendendo a fazer uso das tecnologias. Nem sempre as respostas estarão prontas, precisarão ser construídas com outros desejos e interesses, formando uma rede tecida de muitos sonhos, desejos e força de vontade.

Capítulo 4- Considerações finais

O objetivo desta dissertação foi não trazer respostas prontas para a formação de professores da Educação Infantil, mas verificar como os professores da Educação Infantil fazem uso do computador em sala de aula. Pois de nada vai adiantar equipar as escolas com laboratórios modernos de informática ou entregar computadores aos professores se não os convidarmos para um debate, para um repensar de sua prática na prática.

Durante o tempo em que passei com os professores da Educação Infantil, tive a chance de me redescobrir como educadora. Partindo da descoberta de quem somos e como pensamos e agimos, podemos atuar em nossa realidade com qualidade, mostrando, até mesmo para as pessoas que não acreditam, que é possível agregar a informática na Educação Infantil, sem perder a essência da modalidade proposta. Este profissional precisa compreender que um novo educador é possível, urgente e necessário.

Freire (2001, p. 166) nos diz que:

Agora cabe a mim, nesse fim de curso de formação permanente de vocês, dizer-lhes alguma coisa que eu espero não necessite demasiado tempo, que é sublinhar, de um lado, a importância de experiências formativas ou formadoras permanentes; de outro, sublinhar uma coisa de que às vezes a gente se esquece e que está contida nesta frase: 'Mudar é difícil, mas é possível'.

Mudar a realidade e a postura docente pode parecer difícil, mas o primeiro passo para o repensar sobre o significado de ser professor nasce do ato de redescobrir-se enquanto pessoa, cidadão, professor. O professor não aponta caminhos, mas conscientiza o estudante para encontrar o caminho sem explicações. Sua consciência é, antes de tudo, segundo Rancière (2004, p. 61),

(...) o inventário das competências intelectuais do ignorante. Ele conhece sua língua. Ele sabe, igualmente, usá-la para protestar contra seu estado ou para interrogar os que sabem, ou acreditam saber, mais do que ele. Ele conhece seu ofício, seus instrumentos e uso; ele seria capaz, se necessário, de aperfeiçoá-los. Ele deve

começar a refletir sobre essas capacidades e sobre a maneira como as adquiriu.

Parte consciente de que seu papel não é o de embrutecer pessoas, mas o de mostrar o quanto se pode aprender o que se ignora, pontuando ações que façam a diferença. Sem desvalorizar o professor, pelo contrário, mostrando e vivenciando um ato de comunhão, em que as pessoas podem ensinar e aprender.

Por isso, identificar como o professor de Educação Infantil do Distrito Federal faz uso da informática em sua prática docente é importante para propor ações que cheguem de fato até a prática do professor. De acordo com a pesquisa, o uso do computador pelos professores da Educação Infantil se restringe ao registro do planejamento escolar, relatórios e confecção de materiais para uso em classe. Em relação à confecção de materiais, 100% dos professores entrevistados afirmaram estar motivados a aprender a usar o computador, justamente para facilitar a criação de materiais didáticos voltados para a Educação Infantil.

Mesmo reclamando das dificuldades relacionadas à usabilidade dos programas de informática, o professor está disposto e motivado a tentar. Quando as dificuldades operacionais aparecem, a parceria com outro colega que já domina os programas de computador é feita. Sem perceber, uma rede de interesses é formada, em que um vai ajudando o outro. A questão que traz desconforto é o fato de as crianças possuírem mais facilidade para lidar com o computador. Em todas as entrevistas, houve relatos de que as crianças mostravam o caminho aos professores e os ensinavam como fazer. E estes, diante disso, sentiam-se constrangidos e sem saber que atitude tomar em relação às crianças, pois aceitar que as elas, com suas belas hipóteses, podem ensinar é algo que o professor ainda precisa aprender a lidar.

Jacques Rancière, em seu livro *Mestre ignorante*, traz a tona um novo repensar no significado de ser educador. Tudo começa quando o professor Joseph Jacotot propõe aos seus estudantes que traduzam uma obra para o francês, sem a explicação de como fazê-lo. Os estudantes aprendem sem a presença do professor, mas sob a orientação dele. Este ato traz à tona o

significado de ser educador. Muitos ainda trazem para si que bom educador é aquele que explica a matéria e todos os estudantes a compreendem. O que Rancière propõe é a emancipação intelectual, tanto dos educadores quanto dos educandos. Emancipar intelectualmente é libertar-se dos conceitos já pensados e prontos, que são ministrados há anos para milhares de educandos e educadores. É mostrar que é possível refletir e agir sobre o que se aprende/ensina, apesar das incertezas que estão ao redor dos educadores. Deixar de ser um transmissor de conhecimentos não é tarefa tão simples como se imagina. Desconstruir-se para construir uma posição nova é abrir mão de sua verdade (até então absoluta) para tê-la repensada e reconstruída dia após dia. Diante disso, o professor precisa compreender que não é um papagaio reproduzidor das teorias educacionais, fazendo com o que estudante continue a ser um dependente “amarrado”.

Em relação às rotinas de trabalho na Educação Infantil, podemos destacar a preocupação do professor em relação ao bem estar infantil, propondo rotinas que dão mais ênfase em ações mais relacionadas ao espaço da sala de aula, propriamente dito, reproduzindo o mundo dos adultos e a forma de se comportar em um espaço fora do seio familiar. Nas rotinas da Educação Infantil, a repetição é constante nas atividades propostas. Poucos sabem que,

A aprendizagem do tempo e de seus instrumentos não é feita rapidamente: são necessários muitos anos e uma série de experiências para poder constituí-la como um domínio pessoal. A escola e, atualmente, as creches e as pré-escolas, com suas repetições, com seus ritmos e durações, ensinam a todos a aprendizagem da ordem do tempo. (BARBOSA, 2006, p. 142)

Todavia, é preciso lembrar que os momentos que acontecem na Educação Infantil, como acolhida, organização do espaço da sala de aula, roda de conversa e atividades, precisam estar dedicados a integrar as pessoas, a mostrar que vivemos em comunidade. Mais que tirar a agenda da mochila e colocar na mesa do professor ou cantar a música de entrada, é preciso que a criança crie consciência e se aproprie do espaço de forma a respeitar o espaço do outro dentro do mesmo ambiente. A partir dos relatos, é notório que as rotinas de trabalho da Educação Infantil como estão pensadas atualmente não permitem uma inserção do computador no trabalho com as crianças. A preocupação maior

está concentrada na formação de hábitos sociais por meio da repetição de tarefas sem, contudo, problematizar com as crianças as rotinas desenvolvidas no dia a dia. Estas acabam executando ações rotineiras, mas sem saber exatamente por que o fazem. Para Freire (2005, p. 79),

Desta maneira, o educador, já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas.

Ser “sujeito do processo” é o que falta às rotinas de trabalho na Educação Infantil. As crianças não podem aprender a serem meros executores, sem participar, questionar e até mesmo experimentar novas situações no dia a dia. É preciso oferecer uma intencionalidade à rotina.

O computador pode ser uma ferramenta interessante para este momento de acolhida. Sem necessariamente estar preso a um laboratório de informática ou a um profissional especialista na área. Vale lembrar que as crianças estão crescendo tendo o computador como um instrumento natural da vida; então, é possível fazer uso do computador sem pressão ou medo. Uma sugestão de trabalho poderia ser a oficina de fotografia. Com uma câmera digital, um notebook e cenários ou fantasias diversas o professor tem um recurso em mãos para se trabalhar a criatividade, a experimentação e interação entre os participantes. As próprias crianças, sob a supervisão de um adulto, podem se aventurar no mundo da fotografia, explorando os recursos que o trabalho com a imagem oferece. A partir desta proposta de oficina de integração, muitos outros projetos podem ser realizados, envolvendo a identidade e a autonomia, a formação pessoal e social e o conhecimento de mundo, eixos propostos no Referencial Curricular para a Educação Infantil.

Em relação às situações de uso do computador na Educação Infantil, verificou-se que são poucos os professores que fazem uso do computador no seu cotidiano. Setenta por cento dos profissionais entrevistados utilizam o computador para realizar atividades de planejamento e criação de exercícios para as crianças.

A atividade mimeografada de antes agora é feita pelo computador. Mudou-se o recurso, mas não a intenção. Vale lembrar que tais ações estão tão internalizadas no professor que ele não percebe a automatização de sua rotina como docente. O problema não está no uso do computador para este fim, mas na intenção de seu uso. É preciso ter cuidado para que o professor não caia na armadilha de valorizar somente os conteúdos e a técnica, acima de tudo, ao transmitir informações às crianças.

A participação da criança nas atividades de elaboração de registros de aprendizagens é importante para o seu desenvolvimento. O registro como sistematização da aprendizagem pode ser utilizado ao longo do processo, tendo o computador mais uma vez como uma ferramenta integrada ao contexto escolar, sem aquela pressão ou sentimento de obrigatoriedade de uso para sentir-se “moderno”.

Os outros 30% dos professores entrevistados relataram usos interessantes do computador no contexto da Educação Infantil sem a necessidade exclusiva do uso do laboratório de informática. Alguns professores criaram blogs, com o objetivo de integrar os pais na construção da aula, compartilhando imagens e vídeos. Ao longo desta produção, as crianças se envolveram no processo de aprender a fotografar, a refletir sobre a identidade da turma e a desenvolver o vocabulário. A produção dos vídeos também envolveu as crianças ao longo do processo. Mais que “mostrar” para os pais o que as crianças fazem em sala de aula, os professores valorizaram o saber dos pequenos, envolvendo a turma na produção dos materiais. De forma natural, eles integraram o computador à rotina escolar e ainda trabalharam aspectos importantes, como a formação pessoal e social, o conhecimento de mundo, a identidade e autonomia, para a Educação Infantil.

Outro recurso também utilizado em sala de aula foi o notebook. Certa professora integrou o computador à rotina da sala de forma natural. As crianças criavam listas de itens a serem pesquisados e, a partir dos interesses das crianças, a professora elaborava uma lista para trabalhar a escrita e a oralidade. Certo dia as crianças puderam conhecer por meio da Internet como e onde o

esquimó mora, como a lagarta vira borboleta e também conheceram um museu. Tais ações motivaram as crianças e a professora a conhecerem pessoalmente um borboletário e ver de perto como o processo acontece.

Não podemos nos esquecer que quem dá vida aos computadores são as pessoas. São elas que interagem e se constituem enquanto grupo. Por isso as crianças precisam vivenciar experiências coletivas e concretas para construir sua realidade e se constituírem coletivamente. Freire (1983, p. 21) compartilha que,

Na verdade, é imperioso que as crianças, por meio de atividades concretas, vão percebendo, de um lado, a importância de cada uma, individualmente, na constituição do grupo; de outro, a importância do grupo para seu próprio crescimento.

A criança que está inserida no contexto escolar da Educação Infantil precisa de elementos concretos para desenvolver suas aprendizagens. O uso do computador no contexto escolar visa apoiá-la no desenvolvimento de experiências concretas. Entretanto, numa era em que as informações são transformadas a cada instante e em que todos podem participar em rede, a intervenção dos adultos é importante na intenção de orientar as crianças, para não se perderem em meio aos perigos das modernidades de nosso século.

Assim como foi criada uma expectativa em torno da imprensa de Gutemberg ou em relação à entrada dos aparelhos de TV nos lares, o debate atual concentra-se sobre o uso do computador e da Internet. Particularmente, acredito que é preciso evitar exageros. A partir da fala dos professores, pude verificar que as situações de uso bem sucedidas do computador na Educação Infantil partiram da curiosidade das crianças, seguida do preparo do professor. O computador não estava separado das crianças, mas integrado ao contexto escolar, fazendo com que elas percebessem a força do trabalho coletivo. Estas crianças puderam vivenciar e experimentar situações de uso que fizeram sentido dentro de sua realidade, sem estresse ou medo. Contudo, é preciso compreender que,

Antes de a criança chegar à escola, já passou por processos de educação importantes: pelo familiar e pela mídia eletrônica. No

ambiente familiar, mais ou menos rico cultural e emocionalmente, a criança vai desenvolvendo as suas conexões cerebrais, os seus roteiros mentais, emocionais e suas linguagens. Os pais, principalmente a mãe, facilitam ou complicam, com suas atitudes e formas de comunicação mais ou menos maduras, o processo de aprender a aprender dos seus filhos. (MORAN, MASETTO; BEHRENS, 2000, p. 33)

O professor que optou por integrar o computador ao contexto escolar, apesar dos sentimentos de ansiedade, normais ao se iniciar algo novo, mostrou que é possível fazer uso deste recurso sem sofrimento. Outro ganho para este profissional é a possibilidade de refletir sobre sua postura docente, (re) construindo-a. É preciso lembrar que o espaço da Educação Infantil é o local de educar-se e de ser feliz. Este espaço não deve, de forma alguma, reproduzir o mundo dos adultos, mas valorizar a criança e os seus saberes.

Diante disso, é preciso refletir sobre os cursos de formação de professores com ênfase em informática educativa. Os professores estão ávidos por novidades e estratégias que de fato sejam efetivas no fazer pedagógico. Nada de práticas doadas, mas de estratégias construídas pelos e para os docentes. As posturas dos professores sobre o uso do computador na Educação Infantil revelam um educador que está na linha tênue entre o querer apreender e o sentimento de incapacidade de aprender. Essa dicotomia ficou clara quando os professores afirmaram que fazem uso do computador de forma mais pessoal e limitada.

O sentimento de incapacidade diante da máquina pulsa na fala desses profissionais. Mesmo buscando um curso técnico, a insegurança ainda continua de forma feroz. Há professores que desistem de fazer cursos de informática por receio de serem rotulados. A alternativa encontrada é buscar entre os colegas quem pode “ensinar” como utilizar as ferramentas. Formando uma rede alternativa de aprendizagem, sem cobranças ou pressões.

Outra postura adotada pelo professor é a busca excessiva de “como fazer”, principalmente na Educação Infantil, justificada pela pouca idade das crianças. Quando o professor aceita e internaliza esta postura, ele faz com que a instrução separe os que sabem dos que não sabem. Sentindo-se excluído, ou ele ignora este conhecimento ou faz de conta que está aprendendo para utilizar em algo que

não fará o menor sentido para sua experiência docente. Deixando então de transformar sua própria experiência, limitado ao seu mundo, sem perspectiva de mudança.

Antes que o tempo passe mais, é preciso recriar os cursos de capacitação para o uso da informática educativa. O professor precisa experimentar as possibilidades que a informática educativa apresenta, sem julgá-lo ou pressioná-lo. Esse desejo de aprender precisa partir do próprio professor, ele precisa ser escutado em relação às suas necessidades. O medo que sente ao fazer uso de um recurso novo necessita de atenção por parte dos formadores, abrindo espaço para um debate entre as relações homem-mundo. Com segurança, este profissional irá ver com outros olhos seu planejamento e sua postura docente. Esta deve ser a razão pelo qual os cursos de formação de professores devem-se pautar.

O outro lado da dicotomia apresentada mostra uma postura corajosa por parte dos professores, principalmente em relação às conquistas no campo pessoal, quando o assunto é o computador e seus recursos. Todos os entrevistados afirmaram fazer uso da informática, mesmo que de forma limitada. Os professores reconhecem que ainda há muito a aprender e que as crianças tem conhecimento maior que o deles na área. Na verdade, o que acontece é que a linguagem do educador não está sintonizada com a fala das crianças. Enquanto o adulto se preocupa com a técnica, a criança só deseja se divertir, sem pressão, sem medo. Talvez o que falta aos professores seja se divertir enquanto aprendem, deixando de lado a postura do professor que ilumina ideias dos outros, como se as crianças vivessem apagadas no mundo do conhecimento. Eles precisam impregnar o contexto escolar com sua criatividade e ousadia.

As falas dos professores indicaram lacunas preocupantes no campo da Educação Infantil. Poucos possuem formação específica para a Educação Infantil e tampouco para a informática educativa. Esses profissionais aprenderam a lidar com as questões da infância no dia a dia sem uma base teórica adequada. Por isso é importante um estudo sobre o impacto da falta de uma base teórica voltada para Educação Infantil nas práticas escolares.

As rotinas na Educação Infantil merecem um novo olhar. No contato com os professores, pude verificar que as rotinas têm-se tornado automáticas, sem uma reflexão do que se faz em sala de aula. Seria interessante um estudo sobre as práticas sociais da rotina, suas vertentes e os impactos causados pela informática educativa.

Outra questão a ser debatida é sobre o uso do computador pelas crianças de 3 a 5 anos, longe da dicotomia do permitido e proibido. O fato é que as crianças já estão vivenciando experiências, tendo o uso do computador como parte de suas vidas. Afinal, os computadores estão cada vez mais populares e fazendo parte da vida das pessoas.

A Educação Infantil não é somente um encontro de crianças. É um espaço de aprendizagens múltiplas, de criatividade, da essência, da curiosidade. Talvez por isso assuste tanto, por não ser algo estático, mas que se reinventa a cada instante, exigindo do professor muito mais que cortar papéis, exigindo uma postura docente receptiva, criativa e comprometida com a infância.

Referências Bibliográficas

- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- ARROYO, M. C. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- AMANTE, L. Explorando as novas tecnologias em contexto de educação pré-escolar: a actividade da escrita. **Análise Psicológica**, vol. XXII, 2004. pp. 139-154.
- BELLONI, M. L.; GOMES, N. G. Infância, mídias e aprendizagem: autodidaxia e colaboração. **Educação e Sociedade**, vol. 29, out 2008. pp. 717-746.
- BARBOSA, M. C. **Por amor e por força: rotinas na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BASSEDAS, E.; HUGUET, T.; SOLÉ, I. **Aprender e ensinar na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- BEHAR, P. A. **Modelos pedagógicos em educação a distância**. São Paulo: Artmed, 2009.
- BELLONI, M. I. **O que é mídia-educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.
- BRASIL. **Referencial curricular nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRIGGS, A.; BURKE, P. **Uma história social da mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- BUJES, M. I. Escola infantil: pra que te quero? In: CRAIDY, M.; KAERCHER, G. E. **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2006.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- COUTO, M. V. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismo para validação dos resultados**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FERREIRO, E. **Com todas as letras**. Tradução: de Maria Zilda da Cunha Lopes. 9. ed. São Paulo/SP: Cortez, 2001.

FLUSSER, V. **O mundo codificado**: por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FOUCAULT, M. **Tecnologías del yo y otros textos afines**. Buenos Aires: Paidós/ICE UAB, 1996.

FREIRE, M. **A paixão de conhecer o mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Educador educa a dor**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não**: carta a quem ousa ensinar. São Paulo: Editora Olho D'água, 2003.

_____. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Unesp, 2001.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____; SHOR, I. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. Tradução de Adriana Lopes. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Educação como prática de liberdade**. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREITAS, L. C. **Uma pós-modernidade de libertação**: reconstruindo as esperanças. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. (Coleção Polêmicas do nosso tempo)

GALLO, Simone Andrea D'Ávila. **Informática na Educação infantil**: tesouro ou ouro de tolo? 25ª ANPED, Caxambu, 2002. (Educação de crianças de 0 a 6 anos GT 7). Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/25/textced25.htm#gt7>>. Acesso em: 17 mai. 2010.

GOMES, E. D. Criança e computador: interação que impulsiona o desenvolvimento e a aprendizagem. **Revista Colabor@**, vol. 3, n. 11, 2006.

ILLICH, I. **A convivencialidade**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1973.

JOSÉ, O. R. Educação e novas tecnologias: um olhar para além da técnica. In: C. COSCARELLI, C.; ELISA, A. R. **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Ceale, 2005. p. 244.

KRAMER, S. **A política do pré- escolar no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1992.

LEMOS, A. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

LEVIN, E. **Rumo a uma infância virtual?** Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

LIBÂNIO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1992. (Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor)

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MATTEI, C. **O prazer de aprender com a informática na Educação Infantil**. Instituto Catarinense da Pós-Graduação, 2006.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira, 2002.

MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; Behrens, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo: Papirus, 2000.

MOTA, A. B. **Criança e mídia: o acesso ao computador e seus reflexos nos saberes da criança de Educação Infantil**. Curitiba: Dissertação Mestrado – Universidade Federal do Paraná, 2007.

NOGUEIRA, L. Imagens da criança no computador. In: KRAMER, Sonia et al. **Infância e produção cultural**. Campinas/SP: Papirus, 1998. pp.109-129.

PAIS, J. M. Paradigmas sociológicos na análise da vida cotidiana: uma introdução. **Análise Social**, XXII (90), 1986. pp. 7-57.

PACHECO, R. D. **Informática educacional e Educação Infantil: uma relação possível?** Dissertação Mestrado – Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, 2006.

POSTMAN, N. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

PRESNKY, M. Nativos digitais, imigrantes digitais. **De on the Horizon NCB University Press**, v. 9, n. 5, out. 2001.

RAMOS, K. R. **Um estudo sobre a interferência da rotina da Educação Infantil no processo de construção da noção operatória do tempo subjetivo pela criança**. Dissertação de Mestrado – FAGED/UFRGS, Porto Alegre, 1998.

RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SETZER, V. W. **Contra o uso de computadores por crianças e jovens**. Disponível em: <<http://www.ime.usp.br/~vwsetzer/artigoPOA.html>>. Acesso em: 18 mai. 2010.

_____. **O ensino de informática para crianças: um crime contra a humanidade?** Disponível em: <<http://www.ime.usp.br/~vwsetzer/crime.html>> Acesso em: 18 mai. 2010.

SANDHOLTZ, J. H. **Ensinando com tecnologia: criando salas de aula centradas nos alunos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SAMPAIO, M. N.; Leite, L. S. **Alfabetização tecnológica do professor**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

SANTOS, R. S. Pela primeira vez mais da metade da população já teve acesso ao computador. In: BRASIL. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação no Brasil: TIC Domicílios e TIC Empresas 2000**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2008.

SILVA, M. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro: Quarter, 2006.

SZYMANSKI, H. **A entrevista na educação: a prática reflexiva**. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

TRIVIÑOS, A. N. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2008.

UNESCO. Os Quatro Pilares da Educação. In: DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. Brasília: MEC: Unesco, 2008. p. 286.

VALADARES, J. M. O professor diante do espelho: reflexões sobre o conceito de professor reflexivo. In: GARRIDO, Selma; GHEDIN, Evandro (Org.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

VALENTE, J. A. **Diferentes usos do computador na educação**. Núcleo de Informática Aplicada à Educação – NIED/UNICAMP. Disponível em: <http://edutec.net/textos/alia/PROINFO/prf_txtie02.htm>. Acesso em: 15 jan. 2010.

_____. **Informática na educação:** o computador auxiliando o processo de mudança na escola. Núcleo de Tecnologia Educacional. Disponível em: <<http://www.nte-jgs.rct-sc.br/valente.htm>>. Acesso em: 10 abr. 2010.

VASCONCELLOS, C. S. **Planejamento:** projeto de ensino-aprendizagem e político-pedagógico elementos metodológicos para elaboração e realização. 10. ed. São Paulo: Libertad, 2002.

VÁSQUEZ, A. S. **Filosofia da Práxis.** Tradução de Luiz Fernando Cardoso. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. 454p.

VIGOSTKY, L. S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Organização Michael Cole et al. Tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 191p.

WASELFISZ, J. J. **Lápis, borracha e teclado.** Brasília: MEC, 2007.

ZAGURY, T. **O professor refém:** para pais e professores entenderem porque fracassa a educação no Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2006.

Anexos

Roteiro para entrevista semiestruturada

1. Acolhida

- Apresentar os objetivos da entrevista.

2. Identificação

- Identificação do professor participante por meio de um formulário simples, composto pelos seguintes itens: Nome do entrevistado e número da entrevista; Data e local; Sexo, idade e nível de escolaridade.

3. Questões

- Como é a rotina na classe onde leciona?
- Você faz uso do computador? Em que momentos?
- Qual sua opinião a respeito do uso do computador pelas crianças na idade da turma em que leciona?
- Descreva alguma e/ ou algumas situações onde o uso do computador deixou você satisfeito e/ou insatisfeito.

Entrevista 1

1. Como é a rotina na classe onde leciona?

Professora 01: A rotina? Ao chegar as crianças tem o momento no pátio, onde todas as turmas fazem a entrada cantando, né? Um Bom dia, trabalhando os dias da semana, depois nos entramos em sala de aula e fazemos a rotina. O que é a rotina? Tirar a agenda, porque a Educação Infantil o objetivo maior é trabalhar a independência e a autonomia da criança, né? Então eles entram em sala, nos temos a rodinha, sentam, eles tiram a toalha, estendem no varalzinho, tira a agenda e põe em cima da agenda do professor, senta, quem trás a pantalhinha tira o tênis, calça a pantalhinha e guarda o tênis. Então diariamente, esse é o primeiro momento.

2. Você faz uso do computador? Em que momentos?

Não. Não faço. Não faço porque sou leiga mesmo. Pra eu levar (...) Assim pra (...) Chegou até um momento da sala estar disponível, não foi Maria? Mas nos nem ficamos pra usar a sala.

3. Qual sua opinião a respeito do uso do computador pelas crianças na idade da turma em que leciona?

Qual minha opinião? [...] Olha as crianças surpreendem. Porque eu acho que de casa, as crianças hoje em dia, o computador em casa ta mais comum que se imagina, né? Então a criança, algumas crianças já sabem em como manusear o computador, o mouse, direitinho. Mas sinceramente eu nunca levei minha turma. Nunca levei. Houve um momento aqui, que a professora, que está em sala, talvez fosse a pessoa mais indicada pra você fazer essa entrevista, que é a professora Dani. Ela ficou um primeiro responsável pela sala de informática. Então nós levávamos as crianças, né? E ela dava todas as orientações.

4. Descreva alguma e/ ou algumas situações onde o uso do computador deixou você satisfeito e/ou insatisfeito.

Satisfeita? Olha a situação que me deixa muito satisfeita é eu tirar meu extrato pela Internet [risos] e pagar. Entro quantas vezes eu quero, eu acho que realmente é muito prático, fazer pagamento em uma emergência. Não gosto muito de fazer pagamento pela Internet, mas numa emergência eu até faço.

Entrevista 2

1. Como é a rotina na classe onde leciona?

As crianças chegam. São recebidas no pátio em forma de fila. E a gente canta algumas musiquinhas, né? Trabalha o corpo, essas questões. Depois a gente entra na sala, eles tiram a agenda, o copo (...) entra na rodinha, ai a gente vai conversar alguma coisa do dia, estabelecer, o que a gente vai fazer. Ai, aqui na escola tem, todo dia tem uma coisa, tem dia que é a videoteca, tem dia que é o galpão, onde vai fazer a psicomotricidade, e ter a parte da sistematização do trabalho, depois tem lanche, tem pátio e se arrumam pra ir embora do jeito que eles vieram. É isso.

2. Você faz uso do computador? Em que momentos?

Na minha própria vida? Quando eu quero digitar um trabalho, quando eu quero elaborar uma atividade com as crianças ainda com a ajuda de uma outra pessoa. As vezes eu recorro a isso ai. Mas ainda faço. As vezes pra receber um e-mail, porque ainda pra mandar eu ainda não me esforcei ainda pra fazer isso. Pra receber um documento. Mais pra coisa urgente. Importante e urgente. Não assim (...) Porque eu ainda não tenho paciência, pra ficar futucando e me exercitando a isso. Eu acho que eu [...] mas é isso.

3. Qual sua opinião a respeito do uso do computador pelas crianças na idade da turma em que leciona?

Eu acho que é importante porque tem muitos joguinhos voltados pra alfabetização, é um bloco alfabetizador, que ele vai ter contato com toda essa questão, vai estar exercitando a memória dele, nossa!, a atenção, o conhecimento. Eu acho que é muito importante. Desde que o acesso dele ao computador seja monitorado por um adulto. Controlado por um adulto. Eu não acho que a criança não deve ir, porque ali é um campo também minado. Eu acho que tem que ter cuidado. [outra professora pede a palavra e fala] o computador hoje, por exemplo, como é comandado por pessoas, porque usa muito de uma linguagem própria, né da pessoa que mexe com Internet, por exemplo (...) quando usa abreviado? Numa mensagem, entendeu? Professora 2 responde: Ai você não acha positivo, o messenger, por exemplo.

[outra professora continua sua fala] É MSN, mensagem é fds – fim de semana-entendeu? São essas coisinhas, que eu acho que a própria criança, se não for monitorada, vai passar a usar isso dentro da escola (...) Professora 2 responde : Pra essa idade, que está se alfabetizando . [a outra professora continua] Pode repercutir negativamente, influenciado pela Internet.

4. Descreva alguma e/ ou algumas situações onde o uso do computador deixou você satisfeito e/ou insatisfeito.

Ah quando eu consigo fazer um trabalho. Quando eu consigo fazer o relatório das crianças [risos]. Quando consigo economizar esse tempo de poder tá colando alguma coisa. Na elaboração de alguns trabalhos. Pra mim é importante.

5. Em algum momento você ficou insatisfeita com o uso?

Quando eu erro! Quando eu espero fazer alguma coisa e não consigo eu me perco no percurso ali do que eu quero fazer e ainda tenho que depender do outro isso me frustra. Isso me deixa muito frustrada. E também quando ele trava. Quando acontece um problema técnico. Não só de operação, mas também um problema técnico, você conta com aquilo e de repente trava tudo. Eu acho que o ser humano é melhor.

Entrevista 3

1. Como é a rotina na classe onde leciona?

São crianças de 04 e 05 anos. A gente chega. Como alguns chegam muito atrasados, a grande maioria. Eles chegam, pegam revistinhas, vão sentando, vão lendo e esperando os coleguinhas chegarem, ai dai nós, fazemos rodinha, batendo um papo. Nessa rodinha a gente explora o nome da criança, eles tem uma fichinha arrumadinha onde coloca os nomes, só que hoje foi feito um trabalho diferente. Hoje eles [...] no papel pardo, recortou, pintou, foi uma farrá! Fiquei com (...) de ter muito longo, mas nos não fizemos essa parte que a gente faz todos os dias. Que é trabalhar o nome com a fichinha, primeira e última letra, letra igual, letra diferente, quantidade de letra, que nome tem mais letra que nome tem menos letra, esse tipo de coisa. Normalmente eu conto uma historinha também. Ou eu conto no início, dependendo como for o desenrolar que tem dia que eles estão mais a fim de falar, tem dia que estão menos. Então eu conto a historinha e ai nós fazemos o trabalho de rodízio. Eu formo grupos, e eu fico com um grupo, enquanto os outros estão fazendo montagem. Joguinhos de algo pedagógico e com esse grupo eu fico trabalhando alguma coisa, ou trabalhando o nome ou trabalhando, por exemplo, contei uma historinha, nós vamos fazer uma colagem sobre a historinha, eu fico com o grupo e vamos fazendo rodízio. Esse trabalho, mais sistematizado pedagógico eles fazem comigo. O trabalho da folhinha, colar e pintar e não sei o que, eles vão vindo e eles vão trabalhando em grupo. Muito legal! Nesse momento estão tendo o descanso. E aqui também eu tenho uma aluna que tem paralisia cerebral, tem alguns alunos, tem alguns alunos que tem características que assim tem que ser trabalhadas muito individualmente. Eu estou achando uma experiência muito legal, por enquanto eu estou caminhando.

2. Você faz uso do computador? Em que momentos?

Eles tem aula de informática, uma vez por semana. Como eu te disse eu não consigo explorar este recurso com essa faixa etária. Mas eles vão pra sala. No

momento eles tem feito pintura, desenho com o computador, colorir, joguinhos e agora tipo daqui a umas duas semanas vou começar a trabalhar Volpi. Então como a gente vem trabalhando figuras geométricas, já até pedi ao rapaz pra ver se acha alguma coisa de Volpi para criança, não encontrei o livro. Existe o livro, Volpi para crianças, dois livros. Não achei em lugar nenhum. Mas eu consegui uma gravura. Então, ele trabalhar muito figuras geométricas (...) e as bandeirinhas, famosas. Então, assim, eu espero que nesse momento eu consiga alguma coisa na Internet pra me ajudar. [Mas você faz uso pessoal? - pergunta da entrevistadora] Ah sim, eu faço uso pra pesquisa. Quando eu entrei pra Educação Infantil eu faço uso muito em casa, pra localizar material, enfim e pra preparar meu material, eu utilizo computador na minha casa. Porque [pausa] na escola é complicado.

3. Qual sua opinião a respeito do uso do computador pelas crianças na idade da turma em que leciona?

Super importante! Eles dominam com uma perfeição impressionante. E dominar a informática é outra (...) Aprender a ler e a escrever, a contar de 01 até 03. Eu acho super importante.

4. Descreva alguma e/ ou algumas situações onde o uso do computador deixou você satisfeito e/ou insatisfeito.

O que me deixa insatisfeita é minha incompetência. Eu fico insatisfeita quando faço um monte de besteira! Como ontem. Eu terminei clicando em um vírus. Que raiva! O rapaz mandou o e-mail com o nome do contador da nossa empresa, falando sobre tendências de recibos, ai na hora que fiz isso [pausa] ai (...) Mas assim, no geral tem sido de uma utilidade absurda. Fico satisfeita quando ele possibilita essa troca, eu tenho amigas que me mandam coisas eu mando pra elas também e principalmente para pesquisa. Que eu sou meio compulsiva, assim nas coisas que eu faço. Esse negócio do Volpi imagina sem o recurso, sem Internet!

Entrevista 4

1. Como é a rotina na classe onde leciona?

A gente faz o trezinho, antes de entrar, a gente entra e eles se acomodam com bastante calma, porque geralmente essas crianças tem que ser tudo devagarzinho, eu guardo as mochilinhas deles, pra ficar mais soltinhos e daí eu faço uma rotina que a gente canta uma música pra cumprimentar a professora, cumprimentar o coleguinha, por meio de uma música. E do início da aula eu faço a rodinha ou aquele trabalho que você ta de frente pra eles conversar, momento onde eles podem falar, contar alguma novidade e ai eu vou utilizar esse momento da aula, pra chamar a atenção pro conteúdo. É o momento que eles prestam mais atenção. Porque no decorrer da aula, eles vão ficando mais cansados e ai a atenção deles é pequena. Então eu aproveito esse início de aula. Eles sentam no chão. Ali eu vou estar contando a historinha vou fazer a incentivação da aula, com gravuras ou por meio de uma história, uma música e depois, desse momento, a gente passa pra alguma atividade manual, uma coisa que ele vai manusear, vai tá pintando ou fazendo alguma coisa manual.

2. Você faz uso do computador? Em que momentos?

Só eu que uso, pra preparar o material deles. Pra [pausa] eu usei muito pra fazer a imagem deles, na época eu fotografei eles, pra ta associando a imagem ao nome, pra fazer as letrinhas do nome. Ajuda demais.

3. Qual sua opinião a respeito do uso do computador pelas crianças na idade da turma em que leciona?

Daria pra usar. Com certeza iria enriquecer o trabalho.

4. Descreva alguma e/ ou algumas situações onde o uso do computador deixou você satisfeito e/ou insatisfeito.

No caso pra meu uso né? Computador eu sou totalmente aberta, ele ajuda demais, nas pesquisas, pra imprimir um trabalhinho pra criança. Antes eu fazia as letrinhas a mão, agora não faço mais, a gente imprimi. Então tem muitos usos que dá pra fazer. [Em algum momento você se sentiu insatisfeita? - pergunta da entrevistada] Não. Só quando dá problema [risos]. Ele é muito bom, mas assim. Aqui na escola eu uso o meu computador pessoal, a escola não disponibiliza o computador da forma que eu preciso o computador. O computador pra mim é maravilhoso, porque eu sou de uma época em que fazia curso de datilografia, então a gente, não podia errar. Então eu fui secretaria dois anos, quando eu errava uma carta que estava fazendo, quantos papéis eu joguei fora! No computador não, fazendo o texto, você errou, você corrige. Então o computador assim, eu acho fantástico! A questão do computador para trabalho, pra pesquisa, pra diversão, muito bom.

Entrevista 5

1. Como é a rotina classe que em você leciona?

A gente entra na sala, temos o tempo para organização das lancheiras e mochilas, cada um coloca no seu lugarzinho, depois tem o momento da rodinha que fazemos para cantar uma música e dar boa tarde aos coleguinhas e para a professora. Depois fazemos uma oração para começar a tarde, levo um livrinho e conto uma história, aí os alunos fazem as perguntas, vamos desenvolvendo e se tiver alguma coisa para ser introduzido (alguma letrinha, algum trabalhinho) conversamos ali mesmo, os alunos vão para as mesinhas e começamos a desenvolver o pedagógico. Mais tarde fazemos o lanche, logo depois fazemos a recreação.

2. Você faz uso do computador? Em que momentos?

Sim. Faço para fazer trabalhinhas com os nomes dos alunos. Isso ajuda muito no nosso trabalho. Eu uso demais.

3. Qual sua opinião a respeito do uso do computador pelas crianças da idade da turma em que você leciona?

Acharia maravilhoso se tivesse. Se tivesse um jeito de fazer, seria muito bom, porque eles iriam aprender muito, procurando as letrinhas no teclado.

4. Você pode descrever alguma situação em que o uso do computador te deixou você satisfeita ou insatisfeita?

O uso com computador só me deixou satisfeita. A não ser quando acaba o papel, a tinta. Mas faço tudo no computador para eles: fichas, letras, trabalhinhos, bilhetes (...)

Entrevista 6

1. Como é a rotina quando as crianças de 04 e 05 anos vinham pra cá?

Bem, normalmente eu ia até a Coordenação agendar uma atividade pedagógica dentro da proposta da sala de aula do professor. E os alunos vinham em grupos, metade descia e a outra metade ficava com o professor por causa da quantidade de equipamentos, pois o aluno gosta de estar em atividade na máquina, ele não quer ficar ao lado do colega dividindo o computador. Ele quer ficar sozinho na máquina. Então fazemos um planejamento para que cada aluno fique sozinho usando a máquina.

2. Você faz uso do computador em que momento?

Dentro da sala de aula como professor uso para planejar a minha atividade no dia a dia, em casa para o meu trabalho de preparação para as atividades e comunicar de uma maneira geral com as pessoas quando me interessa: mandar e-mail, Orkut e por aí vai. Mas normalmente essas atividades particulares deixo fora do espaço de trabalho. Eu costumo agendar também, um horário no final da tarde

para formação: tiro meia-hora para responder e-mails do curso de formação que eu faço de vez em quando.

3. Qual a sua opinião a respeito do uso do computador pelas crianças que você atende aqui, no caso, as turmas de 4 a 5 anos?

No meu ponto de vista, vejo que é muito estimulante. Cada vez que eles vem aqui, eles ficam vibrando com o que estão fazendo, pois a atividade é sempre direcionada dentro da proposta de sala de aula e está vinculado com que eu estou fazendo no dia a dia. Então eles falam que estão aprendendo não só manusear o teclado e o mouse, mas também, lidar com o conteúdo da sala. Eles têm, mais ou menos, uma hora e meia por aula, então, dá mais ou menos 07 aulas por ano, pois são 1800 alunos no CAIC e temos que atender a todos. No caso atual, a proposta é diferente, seria 4º e 3º série, com isso vai diminuir a quantidade de alunos e vai aumentar o número de aula no laboratório.

4. Você pode descrever alguma situação em que o uso do computador te deixou você satisfeito ou insatisfeito?

Satisfeito, acho que eu fico a todo o momento pelo fato de estar fazendo o que eu gosto. Estar aqui arrumando, preparando a atividade, ou quando estou com o aluno que ele se interessa e pede para eu ajudar na atividade eu fico satisfeito e isso me gratifica. E sempre que estou fora que passo pelo corredor, os alunos perguntam qual do dia da aula. Isso mostra que estão interessados me satisfaz em preparar as aulas e estar sempre disponível para atender a turma, então eu não quero excluir uma aluno, eu quero sempre incluir mais, mas com esse espaço aqui é difícil incluir, tem que ser dentro do limite que a Coordenação disponibiliza.

5. Em qual momento você se sente insatisfeito?

Esse momento que você está vendo aqui é um momento em que a sala está parada em reforma, porque eu fico de mão atadas. O pessoal vem mexer nas fiações e eu não gosto de ficar parado.

Entrevista 7

1. Gostaria de saber qual a rotina da sala onde você leciona?

A rotina do dia a dia das crianças? Nós entramos e fazemos uma rodinha, nesta rodinha nós conversamos sobre os assuntos que serão trabalhados, fazemos a contagem dos alunos: quantos meninos e quantas meninas, a exploração da ficha do nome, colocamos a ficha do nome na chamada. A partir daquele trabalho da rodinha é que fazemos um dos trabalhos escritos: pintura, desenho, ou alguma atividade de escrita ou de leitura. Partindo daí, fazemos um trabalho de rodízio, cada mesinha trabalha com uma atividade e eles vão trocando. O que comanda o tempo da atividade é a atividade que foi planejada na rodinha, a principal, como por exemplo: o desenho, a pintura. Quando a mesinha da pintura termina, fazemos um rodízio com as outras mesas. Depois disso é a hora do lanche. Eles lancham, depois é o recreio, depois eles vão ao banheiro lavar as mãos, beber água, fazer xixi e voltam pra sala. Nós vamos ao parque, todos os dias têm parque, ficamos de 45 minutos à uma hora, retornamos do parque e fazemos a higiene novamente. Voltamos para a sala, contamos uma história ou ouvimos música e preparamos para ir embora.

2. Você faz uso do computador em que momento?

Eles têm aula de informática às quintas-feiras. Neste dia eles vão para o laboratório de informática, e lá, as atividades que eles fazem é só com jogos, pois eles ainda são pequenos. Já demos para eles atividades para escrita, mas eles ainda não dominam o teclado e com isso o professor tem que ajudar. Então, eles ainda estão na fase de jogos, de conhecer o computador, de aprender a usar o mouse, e as teclas do computador. Mas alguns joguinhos que tem laboratório de informática são educativos: têm aulas de letras, de números, de contagem, então, alguns alunos já dão conta de fazer alguma coisa assim.

3. Você faz uso do computador também?

Eu faço em casa. Para preparar algumas atividades são mais raros, como eles são pequenos, algumas atividades não são xerocadas ou preparadas no computador, são mais livres, eu uso mais a folha branca, recorte de figuras, colagem (...) não é tão dirigido. Mas eu uso pra mim. Uso para enviar um e-mail, sala de bate-papo, curso on-line, para conversar com os amigos, entre outras coisas. Agora eu não estou estudando. Geralmente quando a gente está estudando, usa muito.

4. Qual sua opinião a respeito do uso do computador pelas crianças da idade da turma em que você leciona?

Nessa idade acho que uma criança que nunca teve contato com o computador, por exemplo: minha filha tem quatro anos e já tem contato com o computador há muito tempo. Então ela já domina o uso. Então uma atividade mais voltada para dentro da aprendizagem de alguma coisa, funciona mais porque ela já sabe mexer. Mas os alunos daqui, que nunca tiveram contato com um computador, eles ainda precisam aprender como mexer com o mouse, quais as teclas que apertam, eles não tem noção nenhuma. Então, eles estão jogando, daqui a pouco o jogo some porque apertou alguma tecla que não era para apertar. Então eu acho que é mais uma questão das crianças terem essa oportunidade de entrarem em contato com a tecnologia porque eles não têm isso em casa. Os que tem em casa já levam isso com mais facilidade

5. Você pode descrever alguma situação em que o uso do computador te deixou você satisfeito ou insatisfeito?

Eu acho que sempre deixa satisfeito, principalmente quando você faz uma pesquisa. Hoje em dia você não precisa sair de casa para fazer uma pesquisa. Antigamente você precisava ir a uma biblioteca, fazer uma pesquisa de um determinado assunto. Agora você acessa a Internet, digita no Google a palavra que você quer, e vem tudo. Daí você imprime, estuda e faz o seu trabalho. Hoje em dia não enxergo mais a vida sem o computador. Até mesmo quando tem uma dúvida em uma palavra, as pessoas não usam o dicionário, vai no dicionário do

computador. A gente usa pra tudo. O meu fica ligado vinte e quatro horas lá em casa. De repente eu preciso consultar alguma coisa, corro lá e dou uma olhada. Até uma música que você quer ouvir, você pode procurar: ouvir a música, ver o videoclipe da música, comentários da música, o que você quiser. Então eu acho que a vida sem o computador não tem mais condição.

6. Em qual momento você se sente insatisfeita?

Só quando a Internet está lenta, principalmente na época de Internet discada, quando quero acessar algum site que está fora do ar, essas coisas que você sabe que daqui a pouco consegue. Então na verdade, insatisfeita não. Quando roubaram meu computador eu fiquei bem insatisfeita. Tive que comprar outro.

Entrevista 8

1. Gostaria de saber como é a rotina quando você recebe crianças de quatro e cinco anos aqui? Como é o andamento? O que acontece aqui?

A gente busca nas salas, aqui do lado ficam as crianças de quatro a cinco anos, colocamos nos acentos, ensina a mexer no mouse, os que não sabem a gente ensina, para aprender mesmo. Tem monitores para atender quem tem mais necessidade especial.

2. Você faz uso do computador em que momento?

Em todos os momentos. O computador cativa totalmente.

3. E você faz uso no seu dia a dia?

Bem, uso o dia todo. Eu trabalho em outro serviço e trabalho com o computador. Só à noite dou uma folga.

4. Gostaria de saber qual sua opinião a respeito do uso do computador pelas crianças de quatro e cinco anos que você atende aqui?

É muito necessário, pois é bastante interessante para incentivar eles. Prende a atenção deles, parecem bem interessados, alguns tem medo, mas parece que é amigo mesmo. Para eles é muito importante o uso do computador.

5. Você pode descrever alguma situação em que o uso do computador te deixou você satisfeito ou insatisfeito?

Só me deixou satisfeito, pois sempre gostei, por isso estou nessa área, e acho que nunca me deixou insatisfeito. A insatisfação é só agora porque estou tentando tirar um vírus. Mas me sinto totalmente satisfeito.

Entrevista 9

1. Como é a rotina classe que em você leciona?

Chegamos e entramos na sala, logo depois eles vem ao pátio em que acontece um momento coletivo, quando a gente canta uma “musiquinha”, conta uma história, fazemos uma oração e voltamos para a sala. Dependendo do dia, temos umas salas ambientes. Meu horário é de duas às três horas na sala ambiente, que é brinquedoteca, sala vídeo e o outro fica como alternativa para ficar no pátio. Somente na quarta-feira que fica direto na sala 5 horas e tem parque todo dia (quarenta minutos de parque).

2. Você faz uso do computador em que momento?

Na escola não. Ano passado fizemos um curso, então a gente montou uma página HP, montou uma web e montou um blog. A escola montou um blog, onde a gente coloca todo evento.

3. E você faz uso no seu dia a dia?

Faço pesquisas. A minha turma é de integração inversa. Tenho um aluno que tem síndrome de Dall e um que tem transtorno global, e eu sempre busco alguma coisa a respeito.

4. Qual sua opinião a respeito do uso do computador pelas crianças da idade da turma em que você leciona?

Acho que é bom desde que acompanhado por um adulto, pois é um incentivo a mais.

5. Você pode descrever alguma situação em que o uso do computador te deixou você satisfeito ou insatisfeito?

Na área de pesquisa sempre me surpreende. O que me entristece é quando é usado de forma inadequada: pornografia infantil, invasão de privacidade.

Entrevista 10

1. Como é a rotina classe que em você leciona?

É uma rotina normal, de escola, de ensino, que todos os dias têm uma rotina a seguir. Eles fazem uma rodinha para tratar do assunto da próxima atividade que vamos fazer, em seguida fazemos a atividade, depois lanchamos, vamos para o parquinho, voltamos para sala e fazemos a última atividade até chegar a hora de ir embora. Tem dias que essa rotina muda porque nós temos uma sala ambiente que ela é usada no horário de duas horas, pois entramos 1 hora e vamos para a

sala às duas horas. Então, essa primeira atividade é mudada é trabalhada na sala ambiente. Cada dia é um dia e tem uma rotina diferente.

2. Você faz uso do computador em que momento?

Eu faço uso do computador somente em casa. Não uso em sala de aula, as crianças não tem nenhum contato com o computador aqui na escola. Nem a gente não tem contato com o computador na escola. Eu faço uso do computador na minha casa para uso pessoal: e-mail, pesquisa. Mas não uso no local de trabalho.

3. Qual sua opinião a respeito do uso do computador pelas crianças da idade da turma em que você leciona?

Eu acho que seria uma boa. As escolas particulares têm esse recurso e nós não temos. Pelo menos a nossa escola não tem. É um bom recurso e as crianças iram adorar isso. Eu vejo muita coisa, por exemplo: meu filho, às vezes me ensina coisas que ele está fazendo na escola. Ele tem nove anos e meche com o computador desde pequenininho na escola. Então, vai chegar a um ponto que ele vai saber muito mais do que eu e aprendendo na escola, porque tem um professor especializado. Eu acho que é uma perda muito grande os alunos não terem acesso a laboratórios de informática para ter essas aulas.

4. Você pode descrever alguma situação em que o uso do computador te deixou você satisfeito ou insatisfeito?

Quando eu faço ou uso do computador, geralmente eu me sinto satisfeita, pois como o nosso tempo é pouco, a gente só vai para o computador somente para coisas importantes. Eu trabalho muito com monografias, eu terminei a minha Pós-Graduação o ano passado (...) Então, eu usava o computador toda noite, era meu companheiro. Meu marido quase me colocou pra fora com o computador. Então, sempre que eu vou para o computador, eu me sinto satisfeita, porque eu só vou quando eu tenho que fazer alguma coisa.

5. Em qual momento você se sente insatisfeita?

Somente quando eu não consigo fazer alguma coisa, pois eu nunca fiz um curso de informática e eu fui aprendendo sozinha, autodidata, às vezes tinha coisas que eu não conseguia e ficava com o trabalho parado e no outro dia eu chegava e perguntava para os colegas como fazia.

Entrevista 11

1. Como é a rotina classe que em você leciona?

A rotina é preparada durante o decorrer da semana, onde a gente consegue incluir as salas ambientes, que é a sala de leitura e o próprio pátio da escola e a videoteca, que na verdade ela inclui a sala de leitura, que usamos em dias alternados. Dentro da sala de aula nós temos o que eu costumo chamar de “Bem Vindos”, depois temos nossa entrada no pátio com músicas, contamos historinhas para eles, exercícios, contagem, depois voltamos para sala para iniciar a aula, que basicamente a rotina é a rodinha, onde temos as discussões do dia onde eles colocam a opinião, discutimos algo que aconteceu no dia anterior, que nós vamos trabalhar no dia posterior, as vezes eles falam muito mais do que eu, mais isso faz parte. Eu coloco o que a gente vai fazer durante o dia, que a nossa rotina. Eu tinha a época de escrever no quadro, mas eu estou com alergia ao giz, e agora estou preferindo só falar. Aí a gente discute o que vai ser colocado no dia para diminuir a angústia deles, pois eles perguntam o que vai acontecer, então na rodinha eu já explico pra eles o que a gente tem pra fazer. Dentro desse momento da rodinha eu conto uma história, se tiver no planejamento. Às vezes, quando não faço a rodinha no início eu puxo para o final, que é a hora que a gente volta do parque, todos os dias eles tem o horário do parque, que são quarenta minutos. Dentro das atividades que a gente tinha planejado na escola por idade (nós temos o planejamento para alunos de quatro anos e para cinco anos) e sempre uma colega está fazendo o que a outra está fazendo. A gente sempre tem aquele momento de troca: Isso ficou legal (...) Vou jogar isso na semana que vem. Ou

seja, o planejamento com a minha rotina em si, ela é planejada anteriormente, mas todas têm mudança, nós não seguimos um padrão.

2. Você faz uso do computador em que momento?

Este ano eu não fiz nenhum uso com os alunos. Mas o ano passado eu fiz uma aula, trouxe um notebook, pois aqui não temos acesso ao computador, preparei uma aula sobre jogos esportivos, aproveitando as olimpíadas, deixei manusear com muito cuidado porque é um equipamento muito sensível. Então, a turma do ano passado teve este contato que eu considero fraco e mínimo porque eles poderiam essa aula. Este ano ainda não tive nenhum momento de disponibilizar o computador pra eles, visto que já estou pensando nisso, pois este ano estou com turmas de cinco e o ano passado estava com turma de quatro. Então, acho que eu os vejo um pouquinho mais maduros porque tem um entendimento maior e melhor sobre o equipamento. Amo computador, adoro Internet, tenho na minha casa e não faço questão nenhuma de não ter porque acho que é uma máquina especial pra gente, pra minha profissão e até para o meu uso individual. Eu uso também para fazer o plano de aula. Tenho pastas de plano de aula, faço relatórios de alunos. O computador viabiliza o meu serviço, tanto na questão de conhecimento, quanto técnico e prático.

3. Qual sua opinião a respeito do uso do computador pelas crianças da idade da turma em que você leciona?

Eu acho que seria extremamente necessário, visto que o mundo hoje se fala muito em globalização que eles precisam ter esse contato. Eles acham que é uma coisa que eu posso usar e que não posso levar pra minha casa, porque muitos deles não têm computador. Mas aí, a partir de um planejamento mais elaborado, a gente pode fazer essas filtragens, esse indexamento na vida deles. Eles amam e adoram. Eu já venho de escola que tem laboratório de informática que era de uso da primeira à quarta série. E eles amavam fazer produção de texto, faziam cálculos matemáticos, eles mesmos criavam no paint (...) Ou seja, eles têm uma

prévia adaptação de tudo que agente colocar para eles. A idade, neste caso, não difere. Tanto faz se de tiver quatro ou seis anos.

4. Você pode descrever alguma situação em que o uso do computador te deixou você satisfeito ou insatisfeito?

Satisfeita? Foi na minha sala de aula que eu pude fazer com eles um trabalho. Por exemplo: Quando a gente trabalha em sala de aula se gasta muito papel. E nesse dia eu economizei muito papel. Não que eu não possa gastar, pois eu tenho para gastar, a escola fornece. Mas eu gastei muito tempo para poder trabalhar o que eu havia proposto se tivesse utilizando os papéis. E o computador não. Eu fui na minha casa e separei as imagens que eu queria, quando eu colocava o texto eu ampliava as letras para que todos pudessem ler, ou seja, é um multishow, porque ele me deu toda a aula, me viabilizou essa aula que eu queria, para que todos pudessem ver, pudessem chegar e entender de maneira dinâmica, pois a aula tem que ser dinâmica e o computador me forneceu isso. Agora, triste, eu não vejo nenhuma triste nem no campo profissional e muito menos no pessoal. Eu vou dizer uma forma triste, que não aconteceu comigo, mas acontece com os outros que a gente ver direto: que são os hackers de Internet. Esses sim, promovem para que o computador seja visto por algumas pessoas como material irresponsável na minha casa. Eu tenho uma prima que diz que não quer computador em casa porque só vê ele pelo lado negativo. Eu não. Eu adoro. Inclusive comprei um notebook ano passado, esse ano vou comprar outro e eu vou ficar com dois.

Entrevista 12

1. Como é a rotina classe que em você leciona?

A gente entra na sala e tira o sapatinho, a meia, vamos para o pátio para fazer uma atividade coletiva da escola, eles cantam com todas as turmas e em seguida eles vão para o parquinho. Ficam quarenta minutos no parquinho, voltam pra sala

e eu faço o momento da rodinha para a gente conversar sobre as atividades que vão ser dadas durante o dia. Geralmente conta alguma historinha que vai puxar algum assunto ligado ao tema que vai ser trabalhado no dia. Depois vem o lanche e dependendo do dia tem as salas ambientes, que tem alguma atividade, brinquedoteca e sala de vídeo e depois disso eu dou a atividade e já é a hora de sair.

2. Você faz uso do computador em que momento?

Ultimamente eu não tenho feito uso nenhum dele.

3. Qual sua opinião a respeito do uso do computador pelas crianças da idade da turma em que você leciona?

Acho que, quando orientado por um adulto, tudo bem.

4. Você pode descrever alguma situação em que o uso do computador te deixou você satisfeito ou insatisfeito?

Me deixa satisfeita quando eu faço pesquisa em geral. Um pesquisa assim (...) Tipo a culinária. Insatisfeita quando ele é usado pro mal, quando a gente vê adolescentes marcando brigas ou então, pedofilia.

Entrevista 13

1. Como é a rotina classe que em você leciona?

Cada dia a gente desenvolve uma atividade. Nós temos a entrada, que toda escola tem, depois eles vão para algumas das salas ambientes. Nessas salas, a gente desenvolve uma atividade de movimento, ou de leitura escrita, depois vamos para o parque, faz uma atividade de exercitação depois realizamos as atividades de escrita, de sistematização.

2. Você faz uso do computador em que momento?

Só em casa. Com os alunos não. Só na minha casa, buscando alguma coisa, música, atividades.

3. Qual sua opinião a respeito do uso do computador pelas crianças da idade da turma em que você leciona?

Seria interessante pela questão da “descromotricidade”, o uso do mouse ajuda bastante nisso, e tem também algumas atividades que a gente não consegue inserir em sala que o computador traria. Por exemplo: atividades tridimensionais (...) Coisas que a gente tem dificuldades de trazer para a sala de aula. Além disso, também tem a questão da realidade, em casa eles tem computado e na escola eles não tem contato.

4. Você pode descrever alguma situação em que o uso do computador te deixou você satisfeito ou insatisfeito?

Acho eu não encontro nenhuma situação. A insatisfação seria na questão de privacidade, pois acontecem roubos de senhas. Agora, para o trabalho eu acho ajuda bastante, pois tem muitos recursos para buscar e muitas coisas para encontrar na Internet. Tem muita música que a gente não encontra mais e a gente encontra no computador. Então eu acho que eu estou mais satisfeita do que insatisfeita. Não tenho insatisfação relacionada a pesquisa.

Entrevista 14

1. Como é a rotina classe que em você leciona?

Eu fiz uma rotina desde o início do ano de acordo com a turma. Tem uma rotina que a gente fala todos os dias quais as atividades serão desenvolvidas que colocamos no quadro, que os alunos tomam conhecimento assim que chega da escola. No primeiro momento a gente fica nas salas ambientes que ficam na

escola, depois tem uma atividade de acordo com o que foi vivido nas salas ambientes. Voltamos para a sala e fazemos o lanche, tem a escovação, depois vamos para parque, de lá vamos fazer a higiene: lavar as mãos, tirar areia e tomar água. Depois voltamos para a sala e fazemos uma atividade complementar que aplico algumas atividades que eles gostam de fazer e coloquei em cada dia da semana uma atividade complementar. Fazemos essa atividade depois à saída. Eles têm ciência dessa rotina. Eles já estão se adaptando na rotina de cada dia da semana com as atividades que vão ser desenvolvidas.

2. Você faz uso do computador em que momento?

Eu utilizo o meu computador para pesquisa. Eu pesquiso conteúdos para trabalhar. Trabalhei muito com o computador porque estava trabalhando com projetos, então usei muito para pesquisa. Quando vou elaborar minhas atividades eu utilizo meu computador também para scanear a atividade ou pego na Internet alguma coisa que vá me servir ou pego algumas coisas e monto de acordo com a minha necessidade.

3. Qual sua opinião a respeito do uso do computador pelas crianças da idade da turma em que você leciona?

Acho que se fosse possível a gente colocar para as crianças seria maravilhoso, em questão de acesso às informações que eu acho bem dinâmico que tem no computador. Acho que enriqueceria bastante a aula principalmente para eles para ter um contato mais direto, visualizar, o computador oferece isso. Você vai contar uma história e o computador tem todo o aparato, toda aquela coisa que chama muito a atenção. Eu acho que ajudaria bastante.

4. Você pode descrever alguma situação em que o uso do computador te deixou você satisfeito ou insatisfeito?

Até então tem me deixado muito satisfeita, porque é uma ferramenta a mais que eu posso utilizar para o meu trabalho. Até então eu não vejo pontos negativos. A

gente tem que saber o que é bom e o que é ruim. Então, pra mim está sendo um instrumento a mais de pesquisa, de apoio para elaborar minhas atividades do meu trabalho e acho que fica bem mais rápido. Ainda estou aprendendo, mas eu já utilizo bastante.

Entrevista 15

1. Como é a rotina classe que em você leciona?

Cumprida. Ao chegar, tem a rotina de explorar o calendário, portfólio, a gente costuma conversar para saber como foi a chegada deles, o que aconteceu no dia anterior. Depois desse primeiro momento a gente passa para a atividade prevista para o dia. Após a atividade, vamos para as salas ambientes, cada dia é uma diferenciada, depende do dia da semana. Depois tem o parque, que é o momento de recreação deles, para sair de sala para extravasar mais, fazer outras atividades, ter contato com a areia (...) Tem parque todos os dias porque eles não tem o recreio, então, parque veio para substituir o momento de recreio de no máximo quarenta minutos.

2. Você faz uso do computador em que momento?

Pouco. Agora que eles estão descobrindo como mexer e só em casa, pois aqui na escola eu não mexo. Apesar de ter a disposição o computador que os professores podem estar utilizando, mas eu uso em casa e não utilizo o da escola.

3. Qual sua opinião a respeito do uso do computador pelas crianças da idade da turma em que você leciona?

Acho que seria riquíssimo. Seria novidade para alguns e para outros não porque já possuem em casa e já fazem o uso diário. Mas para muitos seria muito interessante e seria prazeroso se a escola tivesse um laboratório de informática que a gente pudesse levar eles. Acho que seria maravilhoso.

4. Você pode descrever alguma situação em que o uso do computador te deixou você satisfeito ou insatisfeito?

Me deixou muito satisfeita na elaboração de atividades. Para fazer atividades com o nome deles. Se não fosse o computador, seria um atraso de vida. Elaborar as atividades seria bem mais demoradas, não seria tão preciso como é. Eu acho que ajuda muito. Muitas atividades que são desenvolvidas que são desenvolvidas aqui dentro fica mais fácil. Educação Infantil tem muitas coisinhas, muitos detalhes. Você pode diminuir esse trabalho com o computador. Rende mais. Você vai elaborar mais atividades porque você está fazendo o uso do computador.

5. Em algum momento você se sentiu insatisfeita?

Até então não. Até porque, quando eu procuro ele eu já sei o que eu estou procurando e qual o efeito isso teria em aula.

Entrevista 16

1. Como é a rotina da classe que em você leciona?

Agitada. Essa é uma turma de quatro anos. Eles ainda estão se habituando ao ambiente e com a rotina daqui. Agora que estão começando a tentar entrar na rotina da escola. E depende de cada pessoa, cada um tem sua rotina. Agora que eles começaram a entrar na rotina. Eles têm hora de cantar, tem hora de brincar, têm hora de saber todas as horas.

2. Você faz uso do computador em que momento?

Sim. Para pesquisa. Como eu leciono para no primeiro período então nós não usamos atividades xerocadas. O que a gente faz em papel é cartolina, colagem pintura, com plástico, colagem colorida, colagem com pedaço de papel. Atividade

xerocada, por enquanto não estamos usando ainda. E computador, a gente olha para sugestão deste tipo de atividade para aplicar para as crianças de quatro anos.

3. Qual sua opinião a respeito do uso do computador pelas crianças da idade da turma em que você leciona?

Eu acho bom. Só que precisa ter um adulto por perto, pois se for jogo fora da Internet, dependendo do jogo, não tem problema a criança ficar sozinho. Mas se for jogos mais na Internet tem que ter cuidado com o tipo de jogo que a criança está jogando por causa dessa rede de sexualidade que tem na Internet. É muito perigoso para as crianças. Mas acho que ajuda no desenvolvimento delas, as crianças ficam mais atentas com o que você está dizendo, no que você está explicando. Ela tem sempre o que acrescentar no que você está explicando naquele dia.

4. Você pode descrever alguma situação em que o uso do computador te deixou você satisfeito ou insatisfeito?

A maioria das vezes que uso eu fico satisfeita. A gente divide muitos sites umas com as outras aqui. Tem muitos sites com atividades que a gente pode aplicar para as crianças. A minha insatisfação com a Internet é essa questão da sexualidade mesmo.

Entrevista 17

1. Como é a rotina da classe que em você leciona?

A rotina geralmente inicia com a fila do lado de fora, no portão do pátio externo. Após a entrada eles vão pra sala, deixam os materiais e depois vão para o pátio, tem a entrada coletiva e voltam pra sala. O horário do parquinho é logo após a entrada coletiva. Eles vão para o parquinho nos dias em que o clima está colaborando. Depois retornamos para a sala, fazemos o calendário, contamos

quantas crianças estão na sala, comentamos sobre temas que eles trazem de casa, do contexto que eles têm vivido. A gente traz uma reportagem, alguma coisa naquele momento que a gente chama de “rodinha”. Depois eles lancham, escovam os dentes, fazemos atividades após o lanche e a escovação. Essas atividades podem ser nas salas ambientes, em outras salas ou no pátio interno e depois dessas atividades, eles costumam fazer alguma atividade com massinha e se preparam nos últimos minutos para ir embora. É basicamente isso o horário. Tem dias que o horário fica mais apertado por causa de alguns eventos, tem vez que tem ensaio do dia das mães, do dia dos pais, e o horário fica mais apertado, mas normalmente é um horário bastante tranquilo para eles.

2. Você faz uso do computador em que momento?

O principal uso do computador que eu faço com eles é quando por exemplo: agora a gente tá trabalhando com Leonardo Da Vinci, então, eu tenho apresentado para eles algumas obras deste autor. Como eu não tenho como levá-los em um museu, não tenho esse tipo de acesso, eu trago para eles. Ou eu mostro na sala ou projeto no Data Show. O ano passado a gente mostrou também algumas coisas. As coisas que a gente não consegue de uma outra forma usamos também o computador. Outra coisa que eu faço é que eu tenho um blog, onde eu coloco fotos das crianças e as atividades para os pais acompanharem no blog o que está sendo feito em sala de aula. Então, os pais entram no blog, deixam comentários, vêem o que foi feito. De certa forma é como se eles pudessem partilhar daquele momento em sala de aula, que eles não estão lá, mas podem ver como foi feito, porque normalmente eles vêem só o produto final: a atividade, ou alguma coisa assim, as fotos que eu tenho tirado. Então é um meio deles verem o processo. No ano passado coloquei alguns vídeos para eles vêem e eles acompanharam o que estava sendo feito em sala de aula.

3. Qual sua opinião a respeito do uso do computador pelas crianças da idade da turma em que você leciona?

Do que eles comentam comigo, até quando eu levo o notebook, quando a gente usa o data show, eles comentam que o tio tem computador, minha mãe tem (...) Mas o relato em geral não é de que eles usem. De modo geral o relato é de que algum adulto tenha ou o irmão mais velho. Mas, mesmo esses que tem, eles não manuseiam, não manipulam. Aqui na escola não tem um laboratório de informática, não tem um local organizado pra eles. Eu acredito que a questão não é o computador em si, é a mediação que é feita. Então, independente deles terem quatro, cinco, vinte, trinta, cinquenta anos, a mediação que é feita dessa utilização que é importante. Assim como na televisão, o problema não é a televisão, é a mediação que é feita em relação ao que eles assistem, as escolhas que eles podem fazer, aos programas que são veiculados, as intenções por trás dos programas, essas outras questões.

4. Você pode descrever alguma situação em que o uso do computador te deixou você satisfeito ou insatisfeito?

De modo geral o computador sempre me deixou satisfeita. Porque ele não é apenas mais uma ferramenta, embora ele facilite bastante o meu trabalho. O que tem me deixado bastante satisfeita também é em relação ao blog, que tem feito essa aproximação entre o meu trabalho que eu faço em sala de aula e os pais das crianças. E em relação às crianças, sempre que é necessário, qualquer livro diferente que agente traga, não é só o computador, mas qualquer outra coisa que a gente traga que desperte a curiosidade, ou que apresente uma problemática, elas se interessam. Mas em relação aos pais isso é muito interessante, porque eles se aproximaram da sala de aula, que para eles de algo que para eles era muito distante, que era a minha sala de aula que era como se fosse outro mundo: lá eu não posso entrar, eu sou pai quem entra lá são meus filhos e na verdade não é. Então, meu blog é onde eles acompanham e participam. Deixam comentários (...) Quem não fica todo prosa de ver o filho na rede. A escola tem um procedimento de pedir autorização no ato da matrícula para disponibilizar as imagens das crianças. Nós queremos nos resguardar nesse sentido. E os pais consentiam.

Entrevista 18

1. Como é a rotina da classe que em você leciona?

Minha turma é de cinco anos e a gente chega na sala às 07h30, depois vamos para o pátio e lá tem a entrada coletiva, onde é feita a oração, cantamos algumas musiquinhas, e algumas atividades, envolvendo o corpo, música e dança. Depois a gente volta para sala e nós temos um planejamento e temos as fazes específicas que diariamente mudam. A rotina muda um pouco. Por exemplo: na segunda-feira a minha rotina é assim: eu tenho sala de leitura e vídeo depois da entrada. No planejamento a gente escolhe o vídeo da semana, a gente assiste o filme, volta para sala, faz o comentário, e quando o filme é muito longo, a gente conversa em sala de aula na rodinha. Depois faz a atividade relacionado com o planejamento, lancha, tem a hora do brinquedo que traz de casa para sala de aula. Esse brinquedo tem que ser de montar ou também pode ser massinha que é bom para desenvolver pequenos músculos. Eu não gosto muito de trabalho feito com bolinhas de papel crepom. Eu acredito que a massinha amolece bem os dedos e eles trabalham com prazer. Depois, nosso parque é no final do horário, então de 11h10 até 11h45, a gente fica no parque. E a rotina vai mudando. Na terça-feira eu tenho outra sala de atividade, na quarta-feira não tem sala de atividade, na quinta-feira é no pátio, e na sexta-feira é a brinquedoteca que é o dia do brinquedo. A sexta-feira é um dia mais tranquilo que fazemos mais brincadeiras. Gosto também de trabalhar na sexta-feira com tinta guache, por ser um dia bem tranquilo que a gente está mais envolvido com brincadeiras.

2. Você faz uso do computador em que momento?

A gente não faz trabalho no computador, porque as crianças não conseguem. Eu tenho na minha casa e tenho um pouco de dificuldade de usar o computador (...)

Totalmente, trabalhei três anos em secretaria e agora que aprendi fazer alguns exercícios que antes fazia tudo na mão.

3. Qual sua opinião a respeito do uso do computador pelas crianças da idade da turma em que você leciona?

Eles são muito interessados em computador. Eu falo pelos meus filhos. As crianças daqui falam do computador, mas eles não têm acesso. Os meus filhos gostam muito, estão nessa idade e são gêmeos. Eles têm quatro anos. E eles são apaixonados. Tanto que eles aprenderam o alfabeto sozinhos no computador. Então eu acho que é um incentivo valioso. Poderia comprar para os alunos o laptop para eles estarem brincando. Seria um brinquedo interessante da gente ter na sala. Não um computador propriamente. Porque uma sala de informática sai muito cara. Aí depende de recurso (...) Mas acho que é um sonho ter uma sala de informática.

4. Você pode descrever alguma situação em que o uso do computador te deixou você satisfeito ou insatisfeito?

Eu comecei a mexer com blogs, com muitas atividades, muitas sugestões e achei maravilhoso. Estou maravilhada com isso. Se a gente pode ver o que as pessoas fazem em sala de aula enriquece o meu trabalho. Eu estou aprendendo agora, então eu fico insatisfeita porque tenho essa dificuldade.

Entrevista 19

1. Como é a rotina da classe que em você leciona?

Eles vão para sala, guardam as mochilas e logo em seguida vamos para o pátio onde a gente realiza atividades com as outras turmas que são músicas, brincadeiras para eles socializarem com as crianças das outras turmas, pois não temos o recreio como nas outras escolas. Nós voltamos para sala, todos os dias nós fazemos a rodinha que são as atividades que a gente faz de calendário,

contar o tempo, entrega de crachá, daí eles contam as novidades. Depois da rodinha, geralmente temos uma atividade escrita, lancham, tem horário do parquinho. Depois do parquinho, cada dia eles vão para uma sala diferente: sala de leitura, para o pátio ou para brinquedoteca. Voltam pra sala e vão embora.

2. Você faz uso do computador em que momento?

Só quando a gente vai fazer alguma pesquisa de algum tema que estamos trabalhando ou para elaborar algum material para usar em sala de aula.

3. Qual sua opinião a respeito do uso do computador pelas crianças da idade da turma em que você leciona?

Seria ótimo se tivesse, se eles fizessem uso na sala. Só que aqui a gente não tem sala de informática e eles não tem acesso. Então a gente não desenvolve um trabalho diretamente com eles com o computador. Mas seria ótimo, porque ajudaria até mesmo a (...) Muitos tem computador em casa, mas eles usam em casa para jogos para ver algumas histórias. Mas aqui na escola a gente não tem acesso. Mas seria bom, seria mais um recurso. Hoje em dia está quase impossível você não fazer uso dele. E precisa realmente do computador.

4. Você pode descrever alguma situação em que o uso do computador te deixou você satisfeito ou insatisfeito?

Me deixa satisfeita nas pesquisas. Quando a gente vai fazer as pesquisas é muito bom. E fico insatisfeita quando você vai usar a Internet e demora de mais (...) é muito parecido com a burocracia, parece que não desenrola aí eu perco a paciência. Mas ele é muito útil nas pesquisas.

Entrevista 20

1. Como é a rotina da classe que em você leciona?

A primeira coisa que a gente faz quando pega uma turma é saber, na rotina mesmo, à hora do lanche e a hora do parque. Depois a gente monta a rotina em cima destes dois horários. Dividimos, em média, uma hora para cada atividade. Cada meia hora, a gente contempla uma área do currículo. Isso, no planejamento. A gente mostra para os meninos como a gente vai trabalhar naquele dia que, o que nós vamos fazer (...) montamos uma rodinha e conversamos no hora da entrada. Aqui na nossa escola, a gente tem três ambientes direcionados: temos uma sala de leitura, a “psicomotricidade” e a brinquedoteca. E o pátio também que às vezes é usado. Então, as atividades que nós fazemos durante a semana, elas também são planejadas para atender essas áreas. Por exemplo: segunda-feira tem o pátio para fazer alguma atividade normalmente ligada com outra atividade ou brincadeiras de roda, na terça-feira tem “psicomotricidade” então eu abro um experimento – eu vou trabalhar o corpo, eu vou trabalhar dança e é feito nesse local -, na quarta-feira é o dia livre de trazer o brinquedo de casa e a gente troca esses brinquedos entre as crianças, na quinta-feira nós vamos para a brinquedoteca onde eles brincam livremente e a gente observa a relação social entre eles, e na sexta-feira é que eles vão pra sala de leitura onde se faz uma coisa mais elaborada como: uma dramatização de uma história, fantoche, fazer o fantoche, dramatização feita pelas próprias crianças ou a gente passa um vídeo mais elaborado. E isso tudo precisa ser feito para construir alguma coisa com as crianças nesses dias. Não só fazer dramatização com fantoche, mas eles mesmos fazer o fantoche para levar pra casa, fazer a massa para levar pra casa, se vestirem, se fantasiarem (...) A nossa rotina na semana é assim.

2. Você faz uso do computador em que momento?

Praticamente em todos os momentos, não só dentro dessa sala. Eu só não uso o computador no pátio. Acho que eu não sinto confiança em usar o computador por causa do transito de crianças. Mas nas aulas de “psicomotricidade” nós temos um

aparelho que projeta imagem. Então a gente vai colocando vídeos onde eles reproduzem os movimentos. Vários brilhos também (...) A gente montou, nós identificamos com setinhas a parte em que brilhos caem. As falas deles com o uso do computador porque é uma brincadeira livre, mas, agente trazia teclados com computadores antigos para as crianças brincarem na sala. Alguns até doaram alguns para escola, então eles tinha a possibilidade de brincar com esses recursos na brinquedoteca. E na sala de leitura, com o uso da Internet, quando a gente não faz as dramatizações, eu uso as dramatizações da Internet e passo pra eles. O computador, quando está em sala de aula, fica ligado o tempo todo. Quando eu quero que as crianças contem uma história, eu digito no computador na presença delas. Quando a gente vai terminar a atividades deles e as dos colegas, o computador tem a proteção de tela que fica passando vários livros o abecedário, e eles sentam lá e ficam observando o que passa na tela: o abecedário, os números (...) Eles podem de vez em quando mexer no computador também para escrever palavras. Normalmente, quando a Internet funciona, eu entro em alguns sites da Internet procurando atividades diferenciadas. Então, eles me vêem entrando na Internet e buscando atividades lá. Buscando algum vídeo na Internet para mostrar pra eles depois. Eles sentam no chão e quanto a gente passa o vídeo com animais eles visualizaram uma leoa cassando uma zebra e a zebra fugindo da leoa, eles também visualizaram o tatu cavando a própria casa para fugir dos predadores, eles visualizaram uma cigarra, a metamorfose das cigarras, a metamorfose da borboleta ao vivo (alguém gravou) e eles viram isso (...) Como é dentro de um formigueiro. O computador pra mim também é importante para elaborar o planejamento (...) eu faço o planejamento e eu tenho aquela lista pronta. Então cada criança, a medida que vão desenvolvendo as atividades eu vou colocando o que eles estão fazendo em sala. Por exemplo: se ela conseguiu vivenciar, aprender e se ela conseguiu desempenhar. Depois eu faço o levantamento das informações. Eu pego a informação do que a criança não conseguiu fazer e vou bolar outra atividade que ela tenha que repetir aquilo pra ver se ela consegue. E também para saber rendimento da turma.

3. Qual sua opinião a respeito do uso do computador pelas crianças da idade da turma em que você leciona?

Tem que usar. Da mesma forma que eles tem tido contato com livros, com brinquedos, com diversos brinquedos, o computador faz parte da vida da criança. Talvez não nos ambientes infantis e pra mostrar e pra deixá-los usar o computador solto. O que eu acho é que como é ambiente com crianças e um professor só, talvez ele não consiga corretamente ensiná-la. E na verdade é uma forma deles estarem se (...) É um tipo de tecnologia. A nossa dificuldade hoje sobrevive modificando a própria tecnologia. Isso eu já fiz por eles. Eu acho que o computador hoje tem que ter uma recepção para criança. E cada aprendizagem meche muito com a organização cerebral delas. Eles ficam fascinados quando eles passam o dedinho na tecla e eles vêem aparecer à letra na tela. Eu acho que uma das funções da educadora infantil é fazer essa vivencia. Algum dia eles vão se perguntar muita coisa sobre os computadores. De repente eles vão decidir posteriormente por uma profissão que lida com isso. Da mesma forma como eu acho que eles devem trabalhar todas as áreas do conhecimento humano, a tecnologia também. Na verdade a tecnologia é um conhecimento humano. Eu trabalho nisso mais porque eu sou bióloga. Alguém trabalhou isso comigo quando eu era criança. Eu falo pros meninos quando eu falo para eles desenhar o que eles vão ser daqui algum tempo: eu vou ser telefonista (...) Porque eu não posso numa UNB, de repente eu posso me tornar engenheiro eletrônico, ou engenheiro como aconteceu com Oscar Niemeyer que para ter todos aqueles projetos com aquelas curvas todas, ele teve que fazer um serviço danado. Então a informática é mais que o futuro. Eu acho que é importante sim. É uma ferramenta que a gente tem para auxiliar a criança no seu desenvolvimento.

4. Você pode descrever alguma situação em que o uso do computador te deixou você satisfeito ou insatisfeito?

Só quando a Internet trava. Só isso. Porque, a gente, quando baixa muitos arquivos na Internet eu acho que ele fica sobrecarregado por causa da memória.

Então, na verdade, não é o computador em si, é a gente aprender a usar. A minha maior insatisfação é não saber utilizar o computador com todas suas ferramentas.